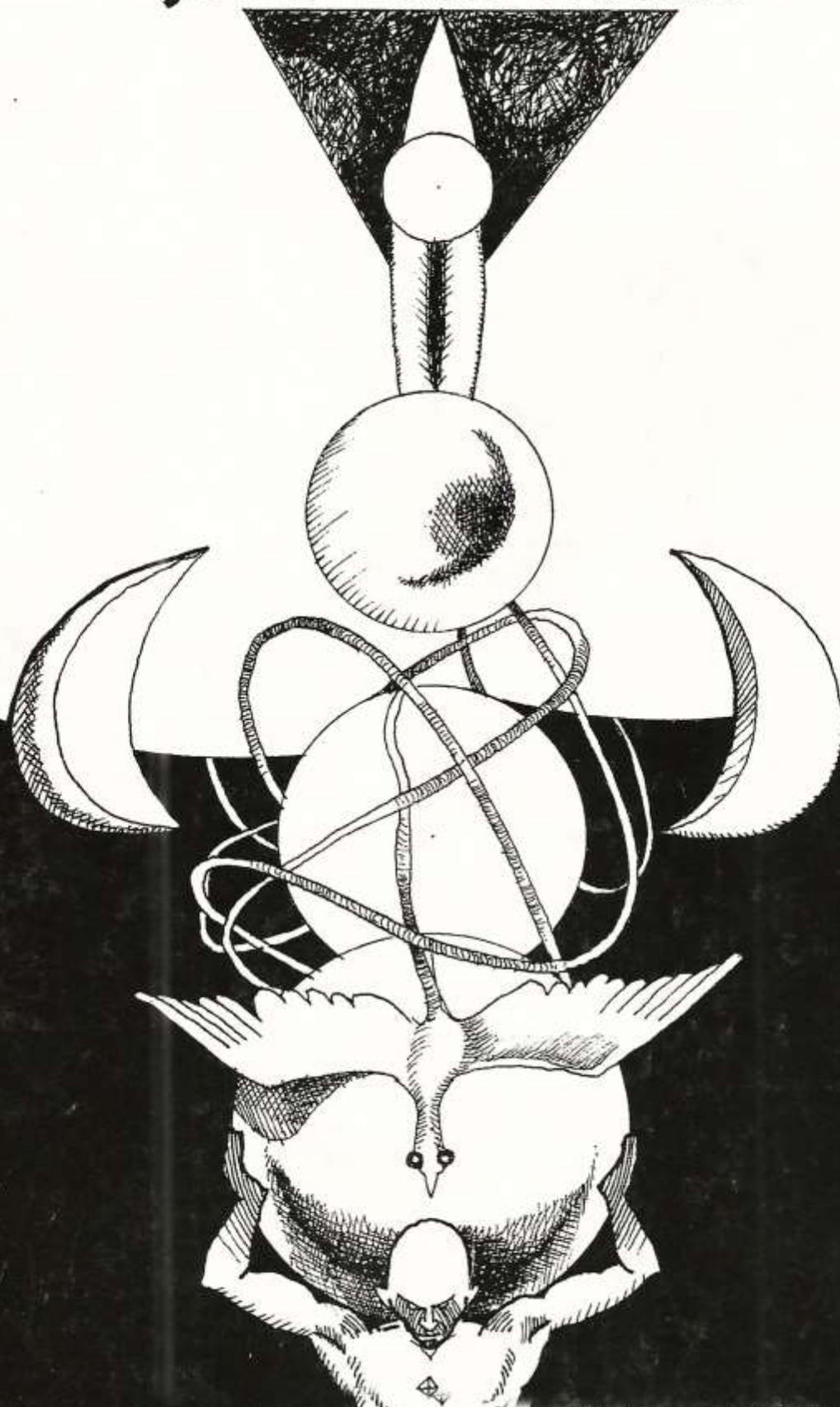


Poemas do Meu Fado

José Luís Gordo



FoLiPA → LHA
F1
00251962315485

Título: **POEMAS DO MEU FADO**

Autor: José Luís Gordo

Capa: Eduardo Cruzeiro

Ilustrações: Eduardo Cruzeiro e Avelino do Carmo

@José Luís Gordo

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Coordenação: Armando Castela

Edição: FesTejo

festejo@sapo.pt

Impressão e acabamento: Offsetmais - Artes Gráficas, S.A.

1ª edição: 2010

ISBN: 978-989-96943-0-9

Depósito Legal: 317500/10

Distribuição: CE SODILIVROS, S.A.

Travessa Estêvão Pinto nº 6-A 1070-124 Lisboa

Telf. 213 815 600 Fax 213 876 281

geral@sodilivros.pt

José Luís Gordo

Poemas do Meu Fado

Poesia

Valde man
mãe Hei Mar
que nos separe
Jal Luis Gordo

15/01/22

JOGRAL DO FADO

Jogral de Lisboa, de uma Lisboa que sendo enraizadamente alfacinha não se detém nos estereótipos monótonos e cansativos, re-novando a matéria inspiradora – *“Os teus brincos cacilheiros/ Num constante vai e vem”*. Fala de uma cidade por vezes injusta – *“Quem me traz neste abandono/ Pelas ruas da cidade”* –, mas alegre e luminosa – *“Dos telhados encarnados/ E o Tejo cheio de estrelas”*.

4 Jogral de um amor sem limites, ora sofrido ora entusiasta, por ou-tras vezes contido no seu ser – *“Que meu peito amor te guarde/ Pois com ninguém o reparto”*. Há também na sua lírica uma nostalgia que acontece quando *“o silêncio da guitarra”* à sua alma *“se agarra”*.

Por todos os seus versos perpassa uma generosidade de quem ama e quer ser amado/cantado – *“Ofereço todos os sonhos/ Aos campos do nosso querer”*.

A poesia de José Luís Gordo está intimamente associada ao fado, porém vale por ela própria sem o som encantatório da guitarra portuguesa ou a melopeia fadista. Vale pelos seus

jogos de palavras renovadas que se nos revelam, pelas imagens que sugere, pelo encadeamento das ideias, pela força nela contida, e pela sua impetuosidade leonina.

“Cantai estes meus versos como sangue/ Que corre em minhas veias cheio de vida”.

O género lírico que cultiva, engana-se quem o tomar pelo fogo-fátuo do espectáculo, nem a lira se perdeu na passagem do literário ao cantável, tornou-se sim comunicativa, constante no nosso pulsar quotidiano. Os poemas tornaram-se palavras da cidade, palavras do dia-a-dia. Há que esperar o surgir de uma nova aurora em que não se julgue preconceituosamente esta lírica cantável que tem também o seu lugar na poética. Afinal Poesia e Música desde remotos tempos, a Antiguidade Clássica, andaram juntas. E quem foram os nossos primeiros cultores líricos, que não os trovadores que acompanhando-se ao alaúde ou ao sistro cantavam os seus versos?

“Abram as portas do fado/ Que eu quero ouvir os poetas”.

Nuno Lopes

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha família, aos meus amigos e a todos os amantes do fado que me apoiaram e incentivaram a dar forma a este meu segundo livro de poemas.

Ao meu amigo Armando Castela que teve a paciência e o gesto de amizade ao dedicar-se de alma e coração à feitura deste livro. Se não fosse ele esta obra ainda estaria na gaveta do esquecimento.

Aos artistas Eduardo Cruzeiro e ao Avelino do Carmo pelas suas excelentes ilustrações que vieram enriquecer as minhas palavras.

Também à Sociedade Portuguesa de Autores, na pessoa dos seus dirigentes, que me ajudaram a dar forma a esta minha obra.

Ao Museu do Fado pelo seu contributo na divulgação do “Poemas do Meu Fado”.

A Catarina Seijo Santos, do Pátio Alfacinha, que deu o seu apoio ao lançamento deste livro.

AMIGO, JOSÉ LUÍS GORDO

Dizer-te que palavras, à laia de testemunho, se aquilo que deveria ser-me fácil, pelo conhecimento que da tua poesia tenho e pela amizade que, em vez de engrandecer-me a pena, a torna mais pequena!

Os teus poemas são como o mar: belos, simples; mas misteriosos e profundos. E têm aromas, paladares, cores, respiram-se, pulsam... são vida.

Há no teu rimar um abotoar perfeito e novo nas casas, caseadas, das roupas da poesia.

Os poemas do teu fado não ficam espartilhados nas métricas do tecido verso; antes crescem, agigantam-se. Têm, a um só tempo, uma nocturnidade precisa ao fado, mas cânticos de sol. E aras as palavras como quem rasga a terra... E regas o poema com a tinta do suor que, vindo da tua alma, escorre pelas tuas mãos.

Sou feliz de ler-te, de ter-te, amigo-irmão, no livro do mesmo fado onde debruças sons; pois que o teu canto escrito torna-se voz como que por metamorfose.

Bem-hajas poeta intemporal!

Bem-hajas, amigo, pelo teu “Poemas do Meu Fado”, que afinal é de e para todos nós!

Obrigado.

Mário Rainho

ESCREVE ATÉ QUE A MÃO TE DOA!

É difícil escrever sobre a obra de um amigo. Pode pensar-se que as palavras vêm do coração e não da razão.

Mas sei que não estou errado quando digo que és um grande poeta. Sabes, como poucos, escrever em palavras simples e bonitas sobre o amor, a paixão, a tristeza, a amizade, as pessoas, a natureza ou o teu Alentejo.

Haverá melhor prova disso quando ouvimos as pessoas trautearem os teus poemas cantados?

Quando as melhores vozes deste País escolhem os teus poemas para cantarem?

Quando lemos e relemos os teus poemas cheios de sentimento e sensibilidade?

Também o Fado e todos os amantes desta canção genuinamente portuguesa, que tanto amas, devem-te muito. Os intérpretes, que têm juntado as suas vozes e as suas músicas às tuas palavras, vão continuar a aguardar as tuas rimas para alcançarem os êxitos que ajudas a construir.

José Luís, só posso dizer-te depois de ter lido os teus poemas reunidos – até agora – em dois livros: escreve até que a mão te doa!

Armando Castela

POEMAS CANTADOS E DECLAMADOS

Este meu segundo livro apresenta uma novidade em relação ao "Recados ao Fado", publicado em 2004: vem acompanhado por um CD, onde fadistas, músicos meus amigos e eu próprio damos voz e melodia a poemas que escrevi.

Quero também assinalar a participação da minha filha Rita neste CD. É uma estreia que muito me sensibiliza e orgulha, quer por cantar dois poemas meus, quer pela excelente interpretação.

São 25 poemas, alguns já publicados no meu primeiro livro, e outros que podem ser lidos nesta obra que agora apresento.

Hei-de Amar-te Toda a Vida, Angústia de Ter Nascido, Cabra-cega, Varanda, É a Vida, Se Tu Fosses Lisboa, Meu Portugal, Meu Amor, Eu Sou o Poeta, Era Gorda e Boneca da China (declamados por mim), O Teu Nome Meu Amor e Fora do Tempo (cantados por **Maria da Fé**), Maria das Dores e Memória (cantados por **António Zambujo**), Esta Palavra Lisboa e Há Um Mar (cantados por **Filipa Cardoso**), Andei à Tua Procura e Diz-me Quem Mora Contigo (cantados por **Hélder Moutinho**), Cantava Pra Ti Cantava e Lisboa de Vieira, Pessoa e Camões (cantados por **Vanessa Alves**), Fado da Meia Laranja (cantado por **José Manuel Osório**), Espelho da Saudade e Não Era Um Tempo de Fado (cantados por **Liliana Silva**) e Sete Pedacos de Vento e Maria Joaquina (cantados por **Rita Gordo**).

Paulo Parreira, à guitarra, e Rogério Ferreira, à viola, são os músicos participantes neste CD.

A BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS

Baía de Todos-os-Santos
De todos os prantos
De todos os cantos
Baía de pele morena
Tão grande e pequena
Serena...

Tu tens Orixás
De todos os céus
De todos os mares
Baía tu tens multicores
Tens cheiros odores
No Candomblé
Tens praias amores
Tens todas as flores
De todas as cores
Perfumes – senhores
De todas as fés
De todas as crenças
De todas as praças
No teu pelourinho
Tu tens o caminho
De todas as raças

Baía de Todos-os-Santos
De tantos espantos
No sol do teu dia
Baía da gente
De tudo o que é crente

São Salvador me dizia
Vem – vem
Vem meu amigo
Vem à Baía
E assim ficas preso
Na pele morena
E na capoeira
Que sabes bailar
Nos gritos da vida
Tu ficas perdida
De tanto sambar
De branco te quero
Mãezinha de fé
Me dá os teus santos
Que rezas e cantas
Nas tuas marés
Baía de Todos-os-Santos
Não sabes os quantos
Te abençoaram
No cheiro profundo
Aqui mora o mundo
Que os deuses criaram

Senhor do Bonfim
Que rezas por mim
Nas fitas de cor
Bendito tu sejas
Dos santos que guardas
Nas tuas igrejas

A DOR DA ALEGRIA

Trago a dor da alegria
De te amar constantemente
Ai meu amor quem diria
Que eu vivo nesta agonia
Contigo sempre presente
Trago a dor da alegria
De te amar constantemente

Trago comigo o castigo
De não te chamar amor
Mas meu amor não consigo
Ser janela sem postigo
Ser canteiro sem flor
Trago comigo o castigo
De não te chamar amor

Trago comigo o desejo
E o teu cheiro à minha volta
Prender-te a boca num beijo
Acender mais o desejo
E queimar esta revolta
Trago comigo o desejo
E o teu cheiro à minha volta

Trago o silêncio das tardes
E todo o cante dos ventos
Eu sei amor que tu sabes
E por muito que te guardes
Dona dos meus pensamentos
Trago o silêncio das tardes
E todo o cante dos ventos

Música de Arménio de Melo

A ESTRADA DO TEMPO

Pensamento que não pára
Que me ampara e desampara
Em florestas de sonhos
Tenho as minhas mãos vazias
E grito todos os dias
Paraísos de abandonos

Ai esta vida de ser
A espera de não morrer
A espera de ser feliz
Todos os dias procuro
Mais luz menos escuro
Mas Deus ainda não quis

Se tu parares pensamento
Paras a estrada do tempo
Que vai de mim até ti
Se tu vieres Primavera
Ficarei à tua espera
Pois nunca de ti parti

A FADISTA

Sou do fado a fadista
Sou um retrato cantado
Na curva da minha vida
Dos poetas do meu fado

Nada posso acorrentar
E tanta força me vence
A voz que teima em cantar
É a vocês que pertence

Sou do fado a fadista
Que tamanha inquietação
De não haver fado com vida
Numa voz sem coração

Não chorem quando eu morrer
Quero fadistas fanfarra
Pra minha alma viver
Nas cordas dum guitarra

Nas volutas das guitarras
Fitas de todas as cores
Quero o canto das cigarras
Com o rufar de tambores

Fechem as portas do fado
De negro ninguém se vista
E digam em todo o lado
Que hoje morreu a fadista

A LOUCURA MAIS LOUCA

Senhor que és o pai de tantos pais
Senhor que és o vento de tantos ventos
Senhor que és o ai de tantos ais
Senhor que és o lamento dos lamentos

Há um caminho em ti que me apetece
Caminhar pelo teu corpo em mar de beijos
E dizer a todo o mundo o que acontece
Quando se mata a sede dos desejos

Bailar contigo um tango desejado
E ter-te nos meus braços como um rio
Que canta alegremente entusiasmado
E por amor ao mar não desistiu

E assim sou escravo dos meus olhos
Carregando este amor cego por ti
No desejo do teu corpo então desfolho
A loucura mais louca que senti

A MORTE QUANDO VIER

A morte quando vier
Que me chegue devagar
Eu não quero dar por ela
Pois não a posso matar

Com uma faca de prata
E um cabo feito em marfim
Ai morte porque não matas
A tristeza que há em mim

E sem ter tempo pra nada
Todo o tempo que perdi
Que a morte mora na estrada
Que me levou até ti

A tua causa me basta
A tua espera bastante
A morte por vezes é casta
E sempre perto é distante

ABRAM AS PORTAS DO FADO

Abram as portas do fado
Que eu quero ouvir os poetas
Quero ficar acordado
Com as palavras mais certas

Quero misturar o sangue
Nas veias do próprio fado
E depois quedar-me exangue
Como um sol em todo o lado

Fado porta-voz dos meus poetas
De janelas sempre abertas
Que me fazem ser mais alto
Fado meu perpétuo coração
Minha paixão da paixão
Minha terra meu basalto

Raiz da minha raiz
Minha bandeira de mágoa
Que cantas o meu país
E morres à sede de água

Abram as portas do fado
Às ruas onde ele mora
Porque aqui é que ele é nado
Porque aqui se canta e chora

ABRI AS PORTAS DO CHORO

Abri as portas do choro
E o meu choro não chorou
É por dentro que eu entorno
E nunca sei onde estou

Não há estrelas no céu
Que iluminem minha alma
Dum céu que não é só meu
Neste mar que não me acalma

Há um poente na vida
Que não queremos aceitar
E há um pranto na descida
Que temos de enfrentar

Adeus sorte que me deixas
Neste triste desamparo
Porque é que amor tu te queixas
Se é sempre em ti que eu reparo

ACRÓSTICO PARA JOÃO CARLOS ABREU

Já abraçaste este mundo
Onde cabes tão perfeito
Andarilho em mar profundo
Onda quebrada no peito

Como uma estrela que brilha
Ao norte sempre adiante
Rasgando o mar com a quilha
Leme de barco constante
Orquídeas da tua ilha
Sabem a terra distante

Aí em terra pequena
Braços de tudo alcançar
Regaste a alma serena
Envolto na tua pena
Um homem sempre a chegar

ADEUS TERRA ADEUS MARIA

Adeus terra adeus Maria
Levo cravado no peito
Uma espada de agonia
Dum amor quase perfeito

Adeus rios dos teus olhos
Mar salgado de desejos
Adeus boca tantos molhos
De milhões – milhões de beijos

Adeus praça da aldeia
Adeus bandos de andorinhas
A saudade em ti se enleia
Com penas que são só minhas

Adeus querido pão caseiro
Arca trigo de ternura
Adeus largo do terreiro
Adeus bola da loucura

ÁGUA DOS MEUS OLHOS

Entre a água dos meus olhos
Salgada por te não ver
Ofereço todos os sonhos
Aos campos do nosso querer

Por entre os dedos da esperança
Aos céus irei procurar
Um beijo que se não cansa
Da tua boca alcançar

Sobre o rio da minha vida
Derramo saudades tuas
Andam vontades perdidas
No minguante das luas

Que riso me lava a cara
De alegria e sofrimento
Que alma então me rasgara
Tão profundo sentimento

Este silêncio amarrado
Neste castigo sem fim
Não é tristeza nem fado
Mas és tu dentro de mim

ALENTEJO DA VIDA

Sou do sul sou Alentejo
Trago nas minhas mãos as cores
Nos meus olhos o desejo
Dos matizes dos amores

Das plantas e das ervas
Que me traz a Primavera
Dos cheiros com que me esperas
De viver à tua espera

A planície é um mar
Verde azul e amarelo
Onde apetece deitar
Todos os sonhos que tenho

No Alentejo da vida
Toda a vida floresce
A natureza florida
É ali que ela amanhece

Os meus olhos se encandeiam
Como um sobreiro encantado
E ali me fica nas veias
O meu sangue coalhado

E quando o Inverno se deita
E hiberna por todo o ano
A Primavera é perfeita
Como o toque dum piano

Meu Alentejo de mim
De tantas cores e matizes
És alegria sem fim
Nas horas menos felizes

AMOR BEM DIFERENTE

Ah não me venhas dizer
Que só eu sou a culpada
Que não te soube prender
Que não te soube dar nada

Ah não me venhas dizer
Que a razão está do teu lado
Saber ganhar é perder
Sementes em chão lavrado

Ah não me venhas dizer
Palavras que tu não sentes
Sou mulher quero viver
Um outro amor bem diferente

Ah não me venhas dizer
Que sofres arrependido
Que andas agora a sofrer
Este amor que está perdido

Refrão

Fui buscar o céu pra ti
Deite a estrela que há em mim
E tu não valias nada
Dei-te amor quase perfeito
Dei-te a chave do meu peito
E tu não valias nada
Dei-te carinho e ternura
Dei-te amor dei-te loucura
E tu não valias nada
Dei-te dois filhos perfeitos
Duas rosas no meu peito
E tu não valias nada
Dei-te paixão – alegria
Dei-te a prata do meu dia
E tu não valias nada
Dei-te a estrada do meu corpo
Foste o barco no meu porto
E tu não valias nada

ANDEI À TUA PROCURA

Andei à tua procura
Numa rua menos escura
Vestida de claridade
Nas ruas do coração
Caminhei horas em vão
Não te encontrei – é verdade

Mas nada tu compreendes
Não te encontras – não te entendes
Nem sabes viver sozinha
Não dás teu corpo a qualquer
Pois tu sabes ser mulher
Num amor que se adivinha

Tenho sempre a porta aberta
Pois está sempre entreaberta
À espera do teu voltar
Vem meu amor qualquer dia
Para eu viver da alegria
No pranto de te abraçar

Deixa o passado e sorri
Na força que vem de ti
Em melodias de amor
Saber amar é viver
E para sempre esquecer
A tristeza dum dor

ANGÚSTIA DESEJADA

Esta angústia desejada
Que anuncia à madrugada
Um corpo na minha cama
Manhã perfeita de amor
Rasgada pelo calor
De alguém que ao longe me chama

Este desejo de abraço
Que grita no meu espaço
E meu desejo enlaçou
Mãos estendidas no ar
Gestos perdidos no mar
Dum pássaro que não voou

Gestos de asa atormentada
Sombra ferindo a estrada
Do meu triste coração
No leito da minha cama
Chorei lágrimas de lama
Que guardo na minha mão

ANTÓNIO É MEU IRMÃO

O António vai chegar
De manhã muito cedo
E vem de botas cardadas
Para ganhar o caminho
António vai para o campo
Cuidar de todos os ninhos
António ama a natureza
Como a mãe o seu menino
António é meu irmão
Conhece os sete caminhos
Tem estradas no coração
Que as ganhou desde menino
António conhece as árvores
As ervas os sete ventos
Conhece todas as aves
E o voo dos pensamentos
António é meu irmão
Nos bons e nos maus momentos
Assim como o Cristóvão
Que também é meu irmão
Conhecem-me os dois melhor
Que o meu próprio coração
Maria que já lá vai
À frente do nosso tempo
Nossa mãe e nosso pai
Partiram sem sofrimento
E assim partiram felizes
No olhar um breve brilho
Da felicidade perfeita
De não ver partir um filho

AO DIZERES-ME SIMPLESMENTE AMOR SOU TUA

Já dei ao nosso amor todos os cheiros
Perfumei de alecrim a nossa rua
Não canso de sonhar sonhos inteiros
Ao dizeres-me simplesmente amor sou tua

Olha a natureza e o sol cor de romã
E as estrelas que no céu beijam a lua
És o sol que se levanta na manhã
Ao dizeres-me simplesmente amor sou tua

Já os rios crescem além entre as montanhas
E sobre as águas o amor flutua
E sinto que o amor vem das entranhas
Ao dizeres-me simplesmente amor sou tua

E assim eu sinto a força a natureza
E o ciclo da viagem continua
Tudo cresce em mim – tudo é beleza
Ao dizeres-me simplesmente amor sou tua

AO MENOS DÁ-ME UM SORRISO

Porque de tanta tristeza
A morar no teu olhar
Nos teus olhos há beleza
Há ondas cheias de mar

São verdes esses teus olhos
Não me canso de os ver
São ondas – mar que desfolho
Na vontade de te querer

Ó olhos estrelas no céu
Reluzentes sem igual
Tanta beleza meu Deus
Na natureza imortal

Ao menos dá-me um sorriso
Pra que de verde se vista
Eu não quero ter juízo
Nem um Deus que me resista

Iça-me a vela da esperança
Que o vento há-de ajudar
A levar-nos à bonança
Que tenho para te dar

AO MEU AMIGO DE SEMPRE CARLOS PAULO

Amigos como tu há poucos
Amigos alevantados
Dos sonhos que nos são loucos
Amigos não são inventados
Amigos chamas de fogo
Pelos ventos semeados

Quem sabe amar um amigo
E lhe guarda o seu retrato
Trazê-lo sempre consigo
No coração do seu quarto
A vida tem sempre um palco
Que contigo e Deus reparto

Amigo dos velhos tempos
Dos novos tempos de agora
És todo feito teatro
És todo feito de gente
És um peito aberto e farto
Amigo basto e presente

AQUI VAI O ALTO DO PINA

Aqui vai o Alto do Pina
Com os olhos da cor do mar
Lisboa é sempre a menina
Que ele quer namorar

Vai à conquista do Tejo
Como o nosso rei
Leva na boca um beijo
E o brasão da nossa grei

Com as bandeiras da gente
De todas as dinastias
Desde D. Afonso Henriques
Até hoje aos nossos dias

Vê lá tu minha Lisboa
Mulher das sete colinas
Tens estandartes de amor
Nas ancas duma varina

Tens eléctricos de ternura
Elevadores de saudade
Mar da palha de ternura
E um sol – morango da tarde

E as ladeiras do cansaço
São todas tuas meninas
E o colo do teu regaço
Trazes sempre o Alto do Pina

Marcha do Alto do Pina de 2009. Música de Arménio de Melo

ÀS AVESSAS

Ando contigo às avessas
Por sobre o meu travesseiro
Teus cabelos são travessas
Onde às vezes me penteio

Já pus um batom encarnado
E bem provocante
Nos meus olhos um verde azulado
Pra sermos amantes
Os dois nos corpos da gente
Na língua que bebe esta água
Nas tardes mais quentes
Na sede do amor à beira da mágoa

Nos teus cabelos de Adónis
Anelo os meus dez dedos
Cavalos dos ventos dos sonhos
Matai todos os meus medos

AS PALAVRAS TÊM BEIJOS

As palavras têm beijos
Doces como a tua boca
Cisterna dos meus desejos
Nesta loucura tão louca

Palavra amor é tão linda
Que cabe no mundo inteiro
É cor azul que não finda
Na tinta do meu tinteiro

Esta palavra de querer
Dizer-te rosa – jardim
É aprender a crescer
Nesse teu riso sem fim

Esta palavra paixão
Tão perfeita em português
Tem dedos no coração
E a ternura que tu vês

E esta palavra saudade
Palavra de uma só língua
Só quem não ama não sabe
Que o amor não morre à míngua

BASTA QUE ME BASTE

Aqui onde me encanto e desencanto
Aqui onde me gasto à beira-mar
Aqui onde o pranto é sacrossanto
Aqui hei-de morrer – hei-de ficar

Aqui onde falo a minha língua
Pátria de Camões sempre presente
Cantamos e morremos quase à míngua
Mergulhados em pranto de aguardente

Aqui onde se roça tanto vento
Às arribas deste mar a Ocidente
Por ti ó pátria minha tudo invento
Por ti choro e canto a minha gente

Basta que me baste o cante e assim
Com isso pátria minha tenho bastante
Rasgo a voz do ventre que há em mim
Bastante é a paixão de ser amante

E aqui para sempre quero ficar
De verde pinho quase esgotante
E a pátria do teu corpo hei-de levar
E com isso meu amor tenho bastante

BENDITA MULHER FORMOSA

Minha mãe eu já não choro
Minha mãe eu já não grito
Minha mãe eu já não moro
No teu regaço infinito

E na mesa dum café
Onde me sento e penso
Já minha mãe tu não és
A mulher a quem pertença

O cálice da minha vida
É do mais puro cristal
Bendita sois vós parida
Por meu bem e por teu mal

Bendita mulher formosa
Minha mãe acontecida
Fiz dum cristal uma rosa
Impérios da minha vida

Poemas do Meu Fado



BONECA DA CHINA

Espreitei a montra e vi
Nela uma boneca triste
Entrei na loja e pedi
Baixinho e que ninguém visse
Para a embrulhar com ternura
Simpático foi o senhor
Da loja com muito amor
Me entregou a boneca
Encostei-a no meu peito
E depois com muito jeito
Levei-a ao jardim da estrela
Sentei-me num banco com ela
Falou-me da sua vida
Disse que vinha da China
Feita por mãos pequeninas
Que choravam quando a viam
Pintada de cores vermelhas
E como enxames de abelhas
Tantas lágrimas corriam
Pelas caras pequeninas
E elas que tanto queriam
Brincar comigo em seu quarto
Mas a lei era um fardo
Pesado naquela China
Que proibiam meninas

De brincar em qualquer lado
Com aquelas mãos pequeninas
Todas aquelas meninas
Chorando faziam um lago
Não quero voltar prà China
Lá não mora a liberdade
E de repente a boneca
Passou a ser a menina
Que eu trouxe daquela loja
Dei-lhe um beijo de amizade
Chorei com ela a saudade
Que tinha da sua gente
Disse-me então a verdade
Que o mundo não quer ver
Que os homens com sua ganância
Exploram tanta criança
E à fome as deixam morrer

Boneca da China
Que és tão pequenina
Não sabes brincar
Roubaram-te a esperança
De seres a criança
Com olhos de mar

CANÇÃO DO INTENDENTE

Aquele jovem perfeito
Que traz cravado no peito
As ruas de se perder
Vende seu corpo a qualquer
Sem ter vontade ou prazer
Para ao vício se prender

Não quer saber onde mora
Num corpo que se demora
Cansado de não ser gente
De dormir em qualquer chão
Na boca traz a canção
Que o prende ao Intendente

Uns olhos negros vidrados
Como dois barcos parados
Mais mortos que a própria morte
Mais tristes do que a tristeza
Mais incertos que a incerteza
Que sempre lhe calha em sorte

CANÇÃO DOLENTE

Só ela está no campo e sorri
Solitária ceifeira deste trigo
Ceifando vai cantando para si
As lágrimas dum amor que traz consigo

E um rouxinol que canta como ela
Na planície dum Alentejo ardente
E um sobreiro de sombra é a janela
Dessa tão grata e canção dolente

Será a tristeza das dores do coração
Ou um chocalho do gado lá no monte
E assim tão simples as coisas são
Que a tristeza num sorriso se esconde

E o vento vem trazer-lhe de mansinho
Todos os cheiros da terra que ela ama
E assim ceifa o vento do carinho
Que à noite a vem beijar em sua cama

CANTAI ESTES MEUS VERSOS

Cantai estes meus versos como sangue
Que corre em minhas veias cheio de vida
E prenehe trago a voz da poesia exangue
Na almofada da tristeza adormecida

E andam pelas ruas do meu corpo
As angústias mais vertentes da poesia
Do poeta que me habita quase morto
Escrevi rimas sem saber que as escrevia

E quando o poeta me disser não
Matarei para sempre o pensamento
Cravarei para sempre no coração
Uma espada de sol sem um lamento

CANTAREI O QUE NA ALMA TENHO ESCRITO

Cantarei o que na alma tenho escrito
Por entre os arvoredos do meu grito
As águas dos meus olhos hão-de chegar
Ao mar do nosso amor quase infinito

E assim tenho por rua e por janela
Rasgados horizontes verdejantes
E prene de trigo nesta aguarela
Alentejos de vida por amantes

Há uma estrela que vigia as árvores
Num céu que se deita sem dormir
E nos meus olhos cantam aves
No desejo mais nobre do sentir

E as águas que das nuvens se entornam
Vêm regar de amor todas as terras
E as pedras meu amor quando choram
São as lágrimas dos homens e das guerras

CANTE AFLITO

Faço do meu cante um grito
E rego todas as flores
Mas anda meu cante aflito
Roubado por malfeitores

Mas eu que choro e canto
Como o vento nos montados
E às vezes riu do pranto
Que canto em todos os fados

Tanta entrega apunhalada
Dentro do meu coração
Sou a pomba assassinada
Sem asas morta no chão

Mas a verdade que entrego
Aos fados que não são meus
São dos poetas não nego
Pois são sábios como Deus

CANTEI À MARGEM DA LEI

Cantei à margem da lei
Os poetas proibidos
Cantei em ruas secretas
E às portas mais abertas
Dei todos os meus sentidos

Cantei amores proibidos
Cantei palavras malditas
Nos ventos da liberdade
Cantei toda a intensidade
Das poesias proscritas

Poetas que tanto quero
Dei-lhes o colo da voz
Libertei o desespero
E dentro dum fado inteiro
Mora a pátria em todos nós

Cantei à margem da lei
Pelas ruas de Lisboa
Os poetas que cantei
Com eles ri e chorei
As lágrimas de quem perdoa

CANTO E CHORO A TUA PARTIDA

Ah como eu canto e choro a tua partida
E quando à noite falo a sós comigo
Vejo no espelho a tua imagem reflectida
E em nosso quarto amor moro contigo

E o teu perfil ainda mora quase lá
Na minha alma que procura a tua
No delírio do vento que passou por cá
O eco dos teus passos ainda vai na rua

Ai como o tempo amor custa a passar
Sem te ter por perto e junto a mim
Quem ama nunca mais deixa de amar
E quem chora como eu rega um jardim

Sermos e não sermos quase tudo quase nada
É não matar a saudade o desejo
E caminho quase cego nesta estrada
Preso à loucura cega em que te vejo

CARTA DE ALFORRIA

Trago um sinal no peito bem gravado
Duma cruz de prata que me deste
E um Cristo nela bem crucificado
E todo o bem e o mal que fizeste

As lágrimas que em meus olhos não secaram
São asas de andorinhas sem beiral
E os dedos de te querer nunca calaram
O desejo de te querer só por meu mal

Eu hei-de libertar o pensamento
Que me atormenta num soluço de agonia
Eu hei-de lançar a liberdade ao vento
Como se fora uma carta de alforria

Para me libertar desta paixão
Ganharei todo o tempo que vier
E se for preciso entregarei meu coração
À liberdade do amor que me quiser

CASA DA TI JAQUINA

Minha mãe comi cachupa
Na casa da Ti Jaquina
Minha mãe fiquei maluca
E assim sou desde menina

Esse gosto que se prova
E que nunca mais se perde
Há sempre uma canção nova
Com sabor a Cabo Verde

Essa mulata perfeita
Que vai na praia da gente
Tem no peito duas setas
Gingar dum corpo presente

E todo o gosto se entorna
Para além do pensamento
Anda a dançar uma morna
Toda vestida de vento

E assim há tanta saudade
Que mora em ilha distante
Saudade da minha terra
Como se fora uma amante

CAVALO DA MORTE

Quem te fez perder assim
Que destino tão ruim
Escolheste pra viver
Mãos roxas de tanto frio
A tristeza dum navio
Sem porto para se acolher

Esse teu olhar vidrado
Triste destino dum fado
Que a tua vida escolheu
Não sabes que a liberdade
Se perde na mocidade
E tão jovem te esqueceu

Andaste de esquina em esquina
Foste travesso traquina
Só querias saber de ti
Saíste de casa cedo
E logo perdeste o medo
Que te fez sempre infeliz

Estendes os braços à morte
Como os cavalos sem sorte
Que teimas sempre em montar
Mas o galope é tão curto
E depressa morre um puto
Que não aprendeu a sonhar

CHICOTE DE ROSAS

Como um chicote de rosas
O meu amor me beijou
E com pétalas formosas
O meu amor me abraçou

Uma lágrima de alegria
Pelo meu rosto desceu
E o sol naquele dia
Nunca mais entristeceu

Demos as mãos um ao outro
Corremos todos os prados
E nós os dois como loucos
Andámos por tantos lados

Ó meu amor meu amor
Barco perfeito meu chão
São tuas todas as chaves
Das portas do coração

CINTURA DA VIDA

Tu que és toda a razão deste meu ser
A fonte desta água prateada
A força do amor me faz viver
E à cintura da vida anda ligada

Por tão grande amor tenho sofrido
O quanto eu sei amor que amarei
Que todo o nosso amor seja vivido
Nos campos do teu corpo eu cantarei

Ai meu amigo ganho e perdido
Se em meu corpo te puder regar
Deitado em tua cama estou rendido
E contigo meu amor me castigar

Se os males que tivermos por amor
Se cravarem em nosso tempo por demais
Então arrancaremos a flor
Que se cansou de gritar os nossos ais

COM QUE AMOR ME ENCONTRAREI

Com que amor me encontrarei
Com que olhos amarei
Um amor que ainda não sei
Com que sonhos viverei
E depois o que farei não sei

Nas nuvens me irei banhar
Lá onde moram as águas
Para me purificar
De não ser pranto nem mágoas

E num barco sem ter mastro
Sem ter quilha ou rumo certo
Serei como Inês de Castro
Com Pedro sempre por perto

Só assim eu sei amar
Com a loucura perfeita
De ser o génio do mar
Nesta praia onde se deita

Com as lágrimas da alegria
Hei-de regar um jardim
Meu amor quem te diria
Seres rosa do meu jardim

Música de Arménio de Melo

COM QUE VOZ TE CANTAREI

Com que voz te cantarei
Meu triste fado de nós
Diz-me amor o que farei
Com que voz – com que voz

Com que olhos chorarei
O dia em que tu partires
Que outro alguém amarei
Que mágoas irei sentir

E assim então ficarei
Para sempre à tua espera
Com que voz eu cantarei
Outra nova Primavera

Quem dera ver-te sorrir
Seres o lume que ateei
Se tu voltares a partir
Com que voz te chorarei

CONSTANÇA

Eu que mal te conheço
Sei lindamente o teu nome
Constança a quem eu pertenço
Como o pão que mata a fome

Quando for o dia grande
O dia de todos os dias
Que meu coração te aguarde
Em bandeiras de alegria

Tens o sangue do meu sangue
O amor do meu amor
És filha de minha filha
Mais grande que uma flor

Acolhe-te em meu regaço
Como uma pomba no ninho
Porque eu sem ti já não passo
Carinho do meu carinho

Teus pais zelosos virão
Trazer-me este esplendor
E encher o meu coração
Com gargalhadas de amor

Por ti vivo por ti canto
Entregue na minha espera
És o meu campo de encanto
Minha eterna Primavera

Constança virás pra sempre
Do ventre de tua mãe
Que este amor que por ti sente
É de todos nós também

E assim saberás que a vida
É simples quando se ama
É uma fogueira acendida
Pra sempre na tua cama

Do avô

CORAÇÃO DE ENLEIO

Rasguei a boca à saudade
Parti o coração ao meio
Ofereci-te uma metade
E na outra é que eu me enleio

Deixei o tempo correr
Como as águas dos ribeiros
Bebi água dos meus olhos
De oceanos inteiros

Inventei estrelas no mar
Camas de lençóis de vento
E cravei no teu olhar
O meu próprio pensamento

Inteiros nos entregamos
Ao amor que nos alcança
Cada vez que nos amamos
Brinca em nós uma criança

CURVA DA VOZ

Partiste mas não partiste
De dentro do meu coração
Ficou-me a vida mais triste
Mais triste que a fome sem pão

E o vento veio secar-me
As lágrimas tristes do rosto
Ninguém pode adivinhar-me
Este tão grande desgosto

Às vezes sonho e o sonho
É quase realidade
E vivo neste abandono
De perder a liberdade

E o sol que um dia se pôs
Naquele horizonte ardente
E a curva da minha voz
Emudeceu de repente

Todos nós temos um fado
E o meu é um fado de nós
E a sós morre um condenado
Na prisão de estarmos sós

E as mãos que trago comigo
Abertas de par em par
Ainda falam contigo
Mas morrem tão devagar

E os olhos que trago sem ver
Esta tão louca paixão
São dois rios sempre a correr
Nas ruas do coração

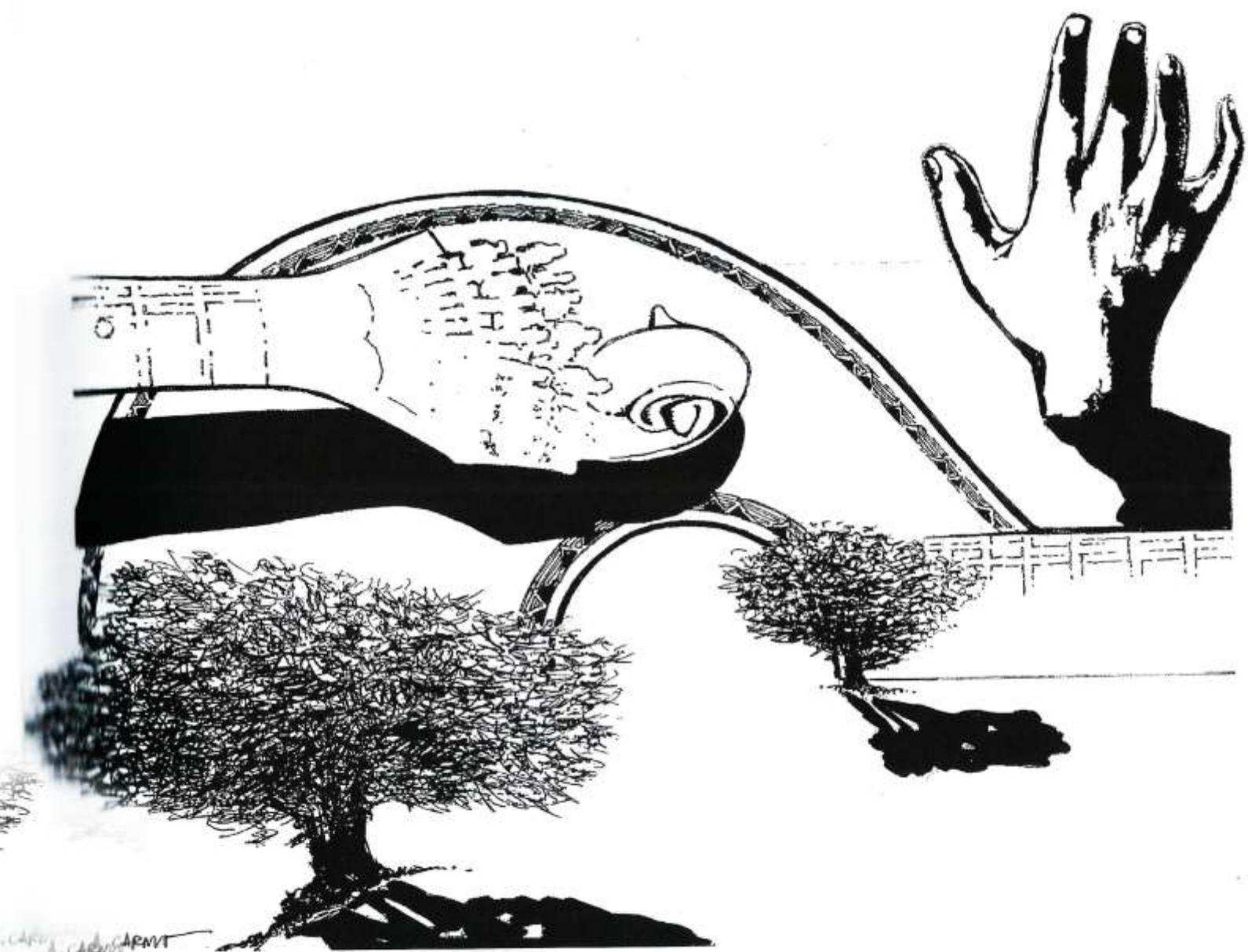
DÁ-ME AS TUAS MÃOS E JURA

Dá-me as tuas mãos e jura
Que tens a alma mais pura
Como a terra que tu pisas
Como o vento a liberdade
Aromas de eternidade
É tudo quanto precisas

Mas tu em que nada crês
Coração que és quase nada
Tudo tudo te atormenta
Na linha da tua mão
Entenderás a razão
Desse Deus que tudo inventa

Do povo tens o incenso
E esse castigo de amar
No corpo que te ofertaram
Fica quieto coração
Porque nada foi em vão
Quando o amor te negaram

Poemas do Meu Fado



DAS PEDRAS QUE ME ATIRAM

Das pedras que me atiram
Farei delas aguarelas
Para mais tarde fazer
O meu castelo com elas

Os cães que ladram não mordem
Só servem para assustar
Aqueles que nunca dormem
Nem se conseguem deitar

Passo de cabeça erguida
Olho para eles sem ver
Que o ódio não tem barriga
Onde se possa esconder

Vivem todos num deserto
Na pobreza dum palheiro
São tão pobres – pobres – pobres
Mas só têm é dinheiro

DEGRAUS DOS MEUS SENTIDOS

Deitada na minha cama
Estendo o meu corpo à lua
O meu corpo é uma chama
Que ilumina toda a rua

P'la minha janela adentro
Entrou uma brisa suave
Tapei-me com a coberta
Fechei o coração à chave

Adormeci tranquila
Esperando tua chegada
Abri-te a porta da vida
E tu não deste por nada

E quase de madrugada
Ouvi uns passos contidos
Eras tu na minha escada
Nos degraus dos meus sentidos

Ó meu amor meu amor
Anda deitar-te a meu lado
Que meu corpo é uma flor
De perfume perfumado

DEI-TE UM NOME EM MINHA CAMA

Deitei-te na minha cama
Num baptizado de amor
E pus-te o nome de Alfama
Em Lisboa meu amor

E canto canto Lisboa
Com a alma do poeta
Desse Fernando Pessoa
De alma serena e secreta

E no Chiado janota
Sentado na Brasileira
Lá está falando o Pessoa
Do Padre António Vieira

Lisboa – Lisboa – Lisboa
Rainha das caravelas
Das praças das avenidas
E das estreitas vielas

Dos teus pombos nas janelas
Dos telhados encarnados
E o Tejo cheio de estrelas
Nos olhos dos namorados

DENTRO DA VIDA

Aqui me gasto em vida sem ter vida
Aqui onde me gasto sem saber
Que a vida é uma conquista perdida
Aqui a qualquer hora vou morrer

Lá onde os deuses todos se agigantam
Deitando toda a raiva sobre a terra
Aqui a onde as lágrimas nunca cantam
Aqui onde morre a paz e vive a guerra

Aqui a onde os homens não se entendem
Aqui onde os anjos não se escondem
Aqui no templo onde todos se vendem
Às chagas e aos prantos com que mordem

Aqui nesta bola azul verde e redonda
Aqui se apunhala toda a gente
Aqui já ninguém mais tem vergonha
Aqui se vive e morre de repente

DENTRO DE MIM

Dentro de mim não me encontro
Fora de ti também não
Não posso matar o gosto
Que vive em meu coração

E nunca te quero ver
E amo-te mais do que tudo
Que coisa é esta de querer
Querer falar-te e ficar mudo

Já me dói o pensamento
De tanto pensar em ti
De ver-te a todo o momento
E jurar que não te vi

Do bater do coração
É constante o movimento
Quem me nega esta paixão
E vive em meu pensamento

Procuro-te dentro de mim
Perdido nas avenidas
E o meu pensamento enfim
Têm sete vidas sem vida

Não quero viver contigo
Nem morar perto de ti
Deu-me Deus este castigo
De viver quando te vi

DERAM-TE O NOME DE AURORA

Deram-te o nome de Aurora
Um nome da natureza
A claridade da luz
No céu da nossa certeza

Deram-te o nome de Aurora
Um nome de juventude
Que te dará para sempre
Alongada latitude

Deram-te o nome de Aurora
Cheia de arcos coloridos
E a água que há nos teus olhos
São dois rios nos meus sentidos

Deram-te o nome de Aurora
Das manhãs mais boreais
E com amor muito amor
Gerada pelos teus pais

Sei que te chamas Aurora
Mas ainda não te conheço
E quando chegar a hora
Embalarei o teu berço

No céu aberto da vida
Onde a vida se demora
E nunca serás perdida
Porque o teu nome é Aurora

Do avô

DESEJO

Vieste um dia falar-me
Infinita na vontade
Com palavras de desejo
Trazias no teu olhar
Orquídeas feitas de mar
Na boca um sol feito beijo

Beijeí teu corpo
Como se fora uma rosa
Teus lábios duas abelhas
Que me perfumaram de mel
É assim que eu te quero
É assim que tu me queres
É assim que eu te espero
É assim que és mulher
Como duas pombas mansas
Na candura dos teus olhos
Sublime me encantava
Era assim que ela me queria
Era assim que ela me amava
O amor era a fogueira
Que se acendia na cama
De quem se quer e se ama
Se já não vive comigo
Porque de longe me chama

DESEJO IMPOSSÍVEL

Aquele rapaz que parece quase perfeito
Com olhos de água negra de carvão
São dois punhais cravados no meu peito
A matar-me de paixão o coração

Os seus lábios carnudos de carmim
No seu corpo só há ventos só há fado
Diz-me porque te perdes de mim
E quase sempre te encontro em todo o lado

O seu corpo é como um altivo navio
Que naufraga por aí em tanto mar
Solta as amarras do mastro do teu rio
Que a pátria do teu corpo hei-de salvar

Malmequeres espalharei pelo meu quarto
Como um jardim que eu só quero cuidar
Inquietação que só comigo reparto
Neste castigo de te não querer encontrar

Este desejo tão perfeito e tão constante
A rondar-me os desejos mais carnis
Que a feira dos sentidos me é distante
E a pátria de te ter me é demais

Música de Arménio de Melo

DIA DE SÃO VALENTIM

Dia de São Valentim
É um dia teu e meu
E se tu gostas de mim
Muito mais gostarei eu

DIZER-TE AMOR QUE TE QUERO

Ai meu amor quem me dera
Seres de novo a Primavera
Que me trazias aos molhos
Como um barco em alto-mar
Ando doido por voltar
Ao porto dos nossos olhos

Beijar-te como quem beija
A praia que o mar deseja
A lua que o céu não deixa
Ser o fogo mais ardido
E ter somente um sentido
Dum amor que não se queixa

Fazer do vento um caminho
Das tuas mãos um carinho
Dos teus beijos sete rosas
Dizer-te amor que sou teu
Como as estrelas do céu
Que brilham silenciosas

Dizer-te amor que te quero
Que és todo o meu desespero
Momentos horas ditosas

*Os três últimos versos que podem ser cantados
por qualquer intérprete, quer seja feminino ou masculino*

DIZ-ME MÃE ONDE É QUE MORAS

Diz-me mãe onde é que moras
Para eu morar contigo
No berço em que me embalavas
Para eu adormecer
Eu nunca mais vou esquecer
A voz com que me cantavas

Tu vives dentro de mim
Cravada nos meus sentidos
Como um punhal de marfim
Com sete letras gravadas
A fogo nesta saudade
Nesta fogueira sem fim

Sei que moras com o pai
A quem te soubeste dar
E tanto amor repartiste
Mas um dia sem um ai
Já ninguém te ouviu cantar
E então pra sempre partiste

DIZ-ME QUEM MORA CONTIGO

Diz-me quem mora contigo
Quem dorme na tua cama
Quem te abre o teu postigo
Com que voz te chama Alfama

A quem te dás tu num beijo
A quem te dás tu Lisboa
Dás-te com certeza ao Tejo
Como se foras canoa

Usas como fantasia
Anéis de Ouro e marfim
No Rossio todos os dias
O teu peito é um jardim

A Liberdade da vida
Vive nos Restauradores
Na saia Augusta garrida
Barras de todas as cores

Os teus brincos cacilheiros
Num constante vai e vem
Alcache de marinheiros
No teu peito fica bem

E neste amor de verdade
Que levo pra todo o lado
Dona da minha saudade
Toda vestida de fado

Música de Arménio de Melo

DOEM-ME AS DORES DA SAUDADE

Doem-me as dores da saudade
Dum amor supremo e farto
Que meu peito amor te guarde
Pois com ninguém o reparto

Se há tantas estrelas no céu
Quer de noite quer de dia
Sou eu que as vejo sou eu
De dia amor quem diria

Tu moras na minha vida
Como as estrelas no céu
Que estrada é que a ti me liga
Que coração a esqueceu

Mas quem ama deste jeito
Sofre as facas do castigo
E às vezes quando me deito
Não é comigo é contigo

DOIS NOMES DISTANTES

Quem te ofereceu tal prenda
Quem por ti se apaixonou
Nos olhos pôs uma venda
Pra não ver quem te deixou

Eu quero fugir de mim
Eu mais o meu coração
Só porque não somos dois
Dentro da mesma paixão

Nunca mais te quero ver
Vestida de ouro ou de prata
Nunca mais te vou esquecer
Que a lembrança não se mata

Hei-de apagar a fogueira
Que não pára de acender
Mas não descubro a maneira
Do meu coração te esquecer

No teu pulso uma pulseira
Cravada de diamantes
Gravado por dentro dela
Moram dois nomes distantes

DORMI COM O PÃO AO LADO

Dormi com o pão ao lado
E tanta fome que eu tinha
O pão não me foi negado
Que a fome não se adivinha

Se peneiras a farinha
E o pão te vier à mão
A fome já se adivinha
E assim repartes o pão

E se assim não for então
Deixa-te estar onde estás
Deixa lá ficar o pão
Deixa-te dormir em paz

Um dia hás-de dizer
Tudo aquilo que sentiste
E mesmo quando morreres
Vão dizer que tu mentiste

E OS MEUS OLHOS QUE OUTRORA FORAM SÓIS

Aqui onde o tempo se debruça
Fico sentado sempre à tua espera
Numa cadeira velha que baloiça
As minhas recuadas primaveras

Os meus cabelos brancos prateados
Que o vento vem beijar devagarinho
Aqui nesta cadeira canto os fados
Quando encontrei em ti o meu caminho

As minhas mãos trémulas já estão velhas
Ainda se lembram bem da tua pele
Do néctar que bebiam como abelhas
Fazendo do teu corpo um doce mel

Mas as minhas vontades já não sabem
Andar para te ir buscar para mim
Mas nos meus sonhos soltos ainda cabem
Rosas e malmequeres no meu jardim

E os meus olhos que outrora foram sóis
A iluminaram sempre esta procura
Os barcos têm os olhos nos faróis
Da terra que procuram com loucura

É UMA ESCADA EM CARACOL

Ai este amor
Que mora dentro de mim
É uma escada em caracol
Numa espiral sem ter fim

E os degraus
Que me levam até ela
Tão puídinhos já estão
Já conhecem os meus passos
E dão-me abraços
Como se eu fora seu irmão
Ao longo do corrimão
Dos degraus do coração

Eu gosto dela
Como se fosse uma estrela
Que brilha no céu
Nos olhos da minha janela
Há tantos anos
Que lhe quero sempre igual
E nos amamos
Para o bem e para o mal

E mesmo assim
Meu amor tanta loucura
Que gasta o fim
Com amargos de amargura

Eu gosto dela
Como se fosse o meu Deus
Não posso passar sem ela
Que é luz dos olhos meus

É VERDADE

É verdade meu amor que eu te quero
É verdade que esta espera me agoniza
Meu amor só eu amor me desespero
E só a esperança de te ter me ajuíza

É verdade que ao pensar só penso em ti
É verdade que é por ti que eu vivo e sonho
É verdade que eu de ti nunca parti
E nesta espera à tua espera me abandono

É verdade meu amor tudo é verdade
Que a vida é uma festa de lágrimas – ansiedade
É verdade meu amor tudo é verdade
Que o nosso amor arde em sol de fim de tarde

E nesta verdade meu amor nada me cansa
Nesta verdade de te saber gostar de mim
Quando o teu cheiro me abraça e me alcança
Sou eu que amo sou eu que grito e canto assim

ENTRE LISBOA E O TEJO

Há entre Lisboa e o Tejo
Duas coisas que desejo
A tua boca e um beijo

ENTRE O TEMPO QUE SEPARA

Entre o tempo que separa
Os oceanos do mundo
Há uma guitarra que chora
Nas mãos de quem se demora
Neste meu fado profundo

Destino – ganhei o destino
Na estrada dum só país
Que ganhou o meu futuro
Faço do tempo um peregrino
E do meu tempo a raiz
Um tempo que chora feliz

Cantam-me os mares da distância
Segredos que o vento traz
Por me saber deste tempo
Penso que sou a criança
De ser dono e ser capaz
Do tempo que eu próprio invento

Entre o sonho e a verdade
Fico acordado contigo
Doem-me as dores da vontade
Às vezes pra meu castigo
Penso que tudo é verdade

Já não me dói a razão
Já tudo é azul em mim
Já não tenho solidão
Já amo o meu coração
Que fez do fado a canção
Que mora dentro de mim

ÉS TODO O MEU CORAÇÃO

De que fogueira apagada
Se acendeu esta paixão
Tu pra mim não eras nada
E és todo o meu coração

Em que campos te acendeste
Em que florestas andaste
Em que estradas te perdeste
E pra sempre me encontraste

Não és dono do meu mundo
Nem dono de mim tão pouco
Mas eu sei que és quase tudo
Dono deste amor tão louco

Mas sem ti não haveria
Um pôr-do- sol sobre a tarde
Fazes da noite o meu dia
E um fogo que nunca arde

ESCONDIDO PELA NOITE

Escondido pela noite
Está alguém à minha porta
Serás tu ó meu amor
Que de arrependido voltas

Escondido pela noite
Tenho um fado à tua espera
Com versos feitos de amor
Com olhos de Primavera

E quando dermos as mãos
Nunca nada se faz tarde
Na fogueira da paixão
Todo o desejo me invade

Enfeitarei teus cabelos
Com dois cravos de papel
Dos teus olhos dois espelhos
Com dois raios feitos de mel

ESQUINA DO MAR

A esquina do mar é tão grande
Onde o teu olhar se esconde
Por trás do sol e da lua
Por dentro dum céu inteiro
És a estrela do cruzeiro
Do sul azul desta rua

És a saudade perfeita
És a cama onde se deita
Todo o silêncio do mundo
És o meu fruto apetecido
És o meu sonho garrido
És o gosto mais profundo

Ai desejo desejado
No meu beijo prolongado
Para além da esquina do mar
Ai meu amor meu amor
Gritarei seja a quem for
Que vivo para te amar

ESTA PALAVRA LISBOA

Esta palavra Lisboa
Que mora dentro de mim
É uma gaivota que voa
Sobre um Tejo de marfim

Esta palavra Lisboa
Tem um Rossio que a ama
E um Terreiro de pessoas,
Que se deitam em Alfama

Esta palavra Lisboa
Dos pombos da Liberdade
Do fado da Madragoa
Mãe - Augusta de saudade

Esta palavra Lisboa
Cacilheira de navios
Das marchas que o povo entoa
Santa Justa - Sete Rios

Olá Lisboa
Cidade das Sete Colinas
Do Camões e do Pessoa
E das antigas varinas
Olá Lisboa
Dos poentes cor-de-rosa
Da Brasileira velhinha
Tão perfeita e tão formosa
Cidade mulher rainha

Música de Arménio de Melo

ESTA PERPÉTUA ANSIEDADE

Esta perpétua ansiedade
Que me mata o pensamento
Se eu a pudesse matar
Meu Deus que contentamento

Se eu pudesse interrogar
Todas as aves do céu
Passava a vida a voar
Pra pousar nos braços teus

Do amor nada mais resta
Que esta saudade incontida
Nosso amor foi uma festa
Que hoje nos é proibida

Mas quanto mais me desfaço
Neste vazio de ser nada
Escondido em teu abraço
Não preciso de morada

E ao esconder-me mais me avisto
Sem me poder esconder
Quando penso mais existo
Pra não te deixar de ver

E quando a carne acontece
No desejo dos sentidos
A vida não anoitece
E os sonhos são proibidos

Quando se apagar a chama
Devolvo-te os meus desejos
E as cinzas da minha cama
Com o cheiro dos teus beijos

ESTE AMANTE

Este amante meu amigo
Meu inferno meu castigo
Que fala a língua que eu falo
Este senhor dos meus dias
Que me rasga as alegrias
Não tristezas que eu não calo

Senhor do meu pensamento
Dono da cruz que em meu peito
Salgado mar desta mágoa
Dono de todo o meu fado
Que defendo em todo o lado
Com os olhos rasos de água

A ti entrego o meu canto
Com olhos rasos de encanto
Meu amante por meu mal
Quem te nega não te quer
E digo seja a quem for
Que és tudo em mim – Portugal

ESTE AMOR QUE NÃO SE INVENTA

Ganhei o tempo que tinha
De ficar à tua espera
Tu és como a andorinha
Que voa léguas sozinha
Pra voltar à Primavera

Meu amor ó meu amor
Seja medo seja dor
Seja desejo ou prazer
Que a loucura é mais perfeita
Neste nosso entardecer

É assim o nosso amor
Como um vento em tempestade
Que arranca ao jardim a flor
E depois chora ao sol-pôr
Num silêncio feito tarde

Esta distância dos dois
Que nos mata e atormenta
Não há antes nem depois
Somos somente nós dois
E este amor que não se inventa

EU NÃO SEI AMOR

Eu não sei meu amor
Se é a ti se é a mim a quem pertença
Eu não sei meu amor
Em que cama me deito e sempre arrefeço
Mas sei meu amor
Que é em ti só em ti em quem eu penso
E nem sei onde vou
Em que rua me perco em que rua me venço
Que amor me rasga
Que amor me aquece e arrefece o pensamento
Quem despe meu corpo na praça
E me leva no seu próprio veleiro
Com sangue mar marinho
Com velas feitas de lenço
Eu não sei meu amor
Se é a ti se é a mim a quem pertença

EU QUERO SEMPRE

Eu quero sempre – sempre um grande amor
E que todo o mundo o saiba bem sabido
Da pele do teu corpo o teu sabor
Que trago no mel dos meus sentidos

Mas se o meu amor quiser um dia
Levar-me pelos ventos da maresia
Irei pelos bosques da alegria
E cantarei às noites do meu dia

Serei a estrela-do-mar à tua espera
A alvorada de tanto querer viver
E das areias que o vento traz da praia
Farei delas uma prisão pra me prender

E assim todo o tempo se insinua
E assim a todo o tempo serei teu
E assim solto o cabelo nessa rua
Que aos dedos do teu corpo se prendeu

EU SÓ NASCI PORQUE QUIS

Eu só nasci porque quis
Só sou gente porque quero
Eu já fui quase feliz
E vivo porque não fiz
Aquilo porque não espero

Não espero gratidão
De todos a quem recebi
Quando dou meu coração
Eu não procuro a razão
Dum gesto a que pertenci

E assim caminho na vida
Na vertical mais perfeita
Quanto mais mar me acompanha
Mais ultrapasso a montanha
Dum corpo que não se deita

Mas quando as flores voltarem
À terra onde nasceram
As pétalas serão o chão
Do meu próprio coração
Onde nunca se perderam

EU SÓ TE TENHO AMOR

Eu só te tenho amor o que é que eu faço
A este desejo ardente no meu peito
Eu sem o teu retrato nunca passo
Quer Deus assim matar-me deste jeito

Mas tu que não sabes e não queres
Entender do amor a condição
Nas formas nas melodias que entenderes
Há sabedoria do amor nesta razão

Nos rios que se soltam dos teus dedos
Que me lavam todo o corpo sem eu querer
Na agitação de oceanos de arvoredos
Na natureza do teu corpo o acontecer

Mas nada mais me dão por meu castigo
Senão o teu retrato sorridente
E assim como uma porta sem postigo
Dar-te-ei meu corpo eternamente

EU TENHO UM BARCO NO PEITO

Eu tenho um barco no peito
Que não sabe navegar
Não tem rio não tem leito
Nem jeito de ver o mar

Já procurou sete rumos
Mais sete mares de vontade
Sete fogueiras sem fumo
Mais sete amores que não sabe

Sete rosas na manhã
Sete estrelas sobre a tarde
Sete rebanhos de lã
E um só pastor que me guarde

Eu tenho sete destinos
Guiados por sete luas
Sete desejos peregrinos
Mais sete saudades tuas

FADO DA CÔMODA

Já tenho a saudade gasta
Desse nosso amor antigo
Já pouco ou nada me basta
Senão um retrato antigo

E na moldura da vida
Onde tu cabes perfeita
Tua boca ainda grita
Um desejo que se deita

Por cima da cômoda antiga
Um napperon de renda fina
Rendilha ainda a cantiga
De quando eu era menina

E a cama velha lá está
Abandonada da gente
No pó que ficou por lá
Escrevi o teu nome ausente

E na moldura da vida
Onde cabes tão perfeito
Ganho a esperança perdida
Que semeio no meu peito

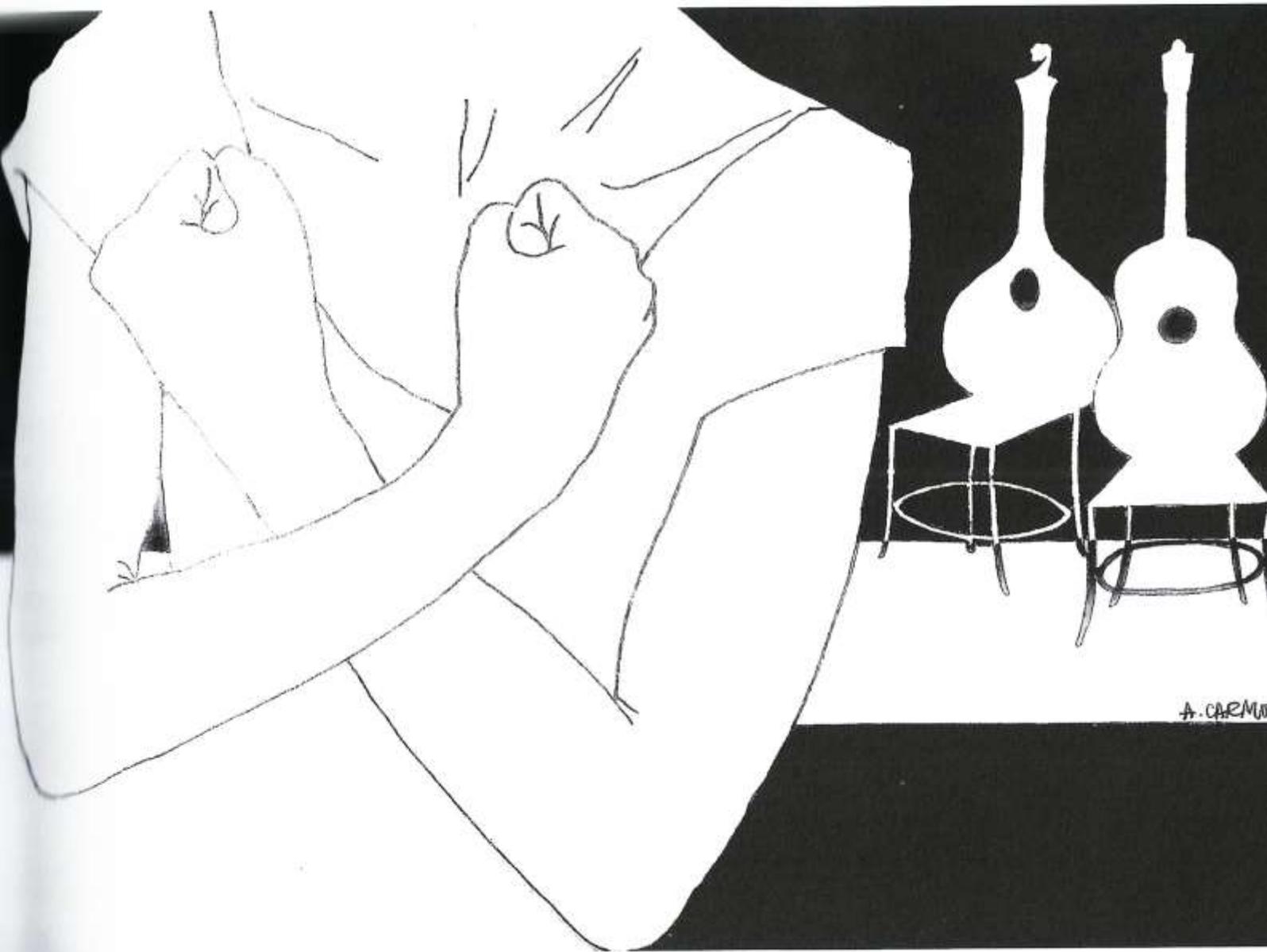
FADO DA MESA

Duas velas numa mesa
Duas guitarras certeza
E tantas bocas cantando
Tanto amor por entre os dedos
A cantarem os segredos
Que o tocador vai tocando

Aqui onde nós moramos
Ganhamos todos os sonhos
Que nos foram proibidos
Aqui nós damos as mãos
Somos a terra e o chão
No sentido dos sentidos

Amar não é proibido
Amar é ganhar sentido
Amar é ganhar alguém
E a ti de verde me entrego
Antes morrer a ser cego
Sem amor não se é ninguém

Poemas do Meu Fado



A. CARMU

FADO DO TI ALFREDO

Eu lembro-me de ti
Desde o dia em que te vi
Nunca mais te quis perder
Foste pró fado o meu Deus
Todos os fados são teus
Até o fado morrer

Mocitas de caracóis
Trazias nos teus cachecóis
Em tantos fados bailados
las de viela em viela
E num candeeiro sem velas
Acendias os teus fados

Mas um dia a tua voz
Deixou-nos pra sempre a nós
A alegria das cigarras
Cantam o pranto e então
Com tábuas do teu caixão
Os anjos fazem guitarras

Não há fadista que vença
Nem entrega que se esqueça
Do teu canto esse segredo
Deixaste a mais bela herança
E o fado nunca se cansa
De ti meu grande Alfredo

Lisboa era toda tua
E até as pedras da rua
Conheciam teu andar
E no teu peito gelado
Aquecias sempre um fado
Um filho sempre a criar

E assim ao fado deixaste
A liberdade que amaste
Com a mais nobre emoção
E sempre por nós cantados
Os estilos variados
Nas cordas do coração

FAREI DO SONHO A MONTANHA

Farei do sonho a montanha
E da montanha vulcão
E dos meus olhos a chama
Que aquecem teu coração

Porei na pele do meu rio
As águas que te acompanham
E às margens e em quem confio
Porei vozes que te chamam

Farei das rosas os sóis
Das lamas novos caminhos
E então virão depois
Águias pousar no meu ninho

Depois o meu coração
Há-de lavar-se de prata
E queimar este vulcão
Que quase – quase me mata

FORÇA DE SER ALGUÉM

Por amor ganhei o tempo
Por amor andei perdida
E agora a cada momento
É ser mais que a própria vida

É ter lembranças de tudo
É ter saudades de mim
É ter nas mãos o meu mundo
E no coração um jardim

É ganhar a própria estrada
Que tenho para vencer
É ter o fado e mais nada
Só ele me faz viver

É dar as mãos e saber
Que alguém me quer por bem
É tudo o que eu quero ter
A força de ser alguém

À Celeste Rodrigues

GAIVOTAS NO VENTO

Voam gaivotas no vento
Em bandos cheios de adeus
E na terra dos teus sonhos
Ficam sonhos que são meus

E no corpo desta vida
Há rios cheios de bonança
E na casa mais perdida
Há portas cheias de esperança

E na terra do meu corpo
Há caminhos cheios de fumo
E nas pedras do meu porto
Há navios com novo rumo

E nas esteiras que deixam
Os rastos cheios de mim
E as águas que se estreitam
Neste mar que não tem fim

E nas asas deste vento
Que no rio Tejo caíram
E as lágrimas sem tempo
De mim nunca mais partiram

E tu desejado amor
Em Lisboa é que tu moras
Se tens a força maior
Porque é que em mim te demoras

E dos fados que ficaram
Parados na minha mão
São dedos que não gritaram
Que se cravaram no chão

E este rio que se agiganta
Quando enfrenta tanto mar
E a coragem se levanta
De não sabermos nadar

Não há amor que se vença
Na espera de um só compasso
Nesta tão grande pertença
Neste infinito cansaço

GIRASSOL

Vi-te bonita tão linda
Mais linda que o próprio sol
Na boca batom vermelho
E no peito um girassol

Teus olhos duas estrelas
Teu corpo um mar de pecado
Tens um quarto com janelas
No teu corpo envidraçado

Quando te vi fiquei preso
Ao bater do coração
Não sabia que era assim
Que nascia uma paixão

És a chuva mais molhada
Que alguma nuvem entornou
Bordei-te em minha almofada
E o meu sonho se encantou

GRITO DO SILÊNCIO

Dei-te toda a felicidade e não quiseste
Ofereci-te todo o sol da minha rua
Deite um corpo cheio de amor que ainda veste
O desejo e a vontade de ser tua

Eu corro atrás do vento e não te encontro
O vento já não canta ao pé de mim
Na janela dos teus olhos eu demonstro
Que o teu amor por mim chegou ao fim

Eu não te esqueço mas não te quero lembrar
Dos tempos de loucura à tua espera
Se os meus olhos são estrelas ao cantar
Quem canta ganha nova Primavera

E a espada da saudade há-de cortar
De vez para sempre esta lembrança
Nas ruas do teu fado hei-de matar
O grito do silêncio que me alcança

HÁ UM MAR

Há um mar
Que se encontra abandonado
Nas profundezas da alma
Como a tristeza dum fado
Há um mar
Que se agiganta quase morto
Sobre os ombros do cansaço
Sobre as curvas do meu corpo

Há um mar
Onde o abandono se agasta
Onde o beijo não tem boca
Onde um soluço se arrasta
Mas nada tenho
Nada – nada me deseja
Já não sei de onde venho
Mas que tristeza me inveja

Há um mar
Que está morto à sede d'água
Nos seus olhos tanto sal
Nos seu corpo tanta mágoa
Há um mar
Tão perfeito e tão distante
Como um copo de cristal
De espuma transbordante

Agora amor
Nada me resta senão
O só te saber chorar
Porque te disse que não
E não sou nada
E não sou nada
E não sou nada
Nesta alma amarrotada

Música de Filipa Cardoso. Arranjo de Paulo Parreira

HEI MEU AMIGO CAPINAM

Hei meu amigo Capinam
Te conheci numa tarde
Que se fez logo manhã
Nos teus olhos de poeta
Brilha uma triste maçã

Hei meu amigo Capinam
Poeta da minha língua
Da vida de tudo o resto
Que a vida traz na manhã
A perfeição dum verso

Hei meu amigo Capinam
Quatro luas prateadas
Num coração de romã
Nas tuas mãos as espadas
E a justiça será sã

O teu próprio pensamento
Grita do alto de ti
A poesia certa
Como a seta de Diana
Mas a palavra não mata
E dorme na tua cama
Em ti a palavra é mais farta
E sempre de longe te chama
Como a vela que se acende
Na alma de quem te ama

Ao meu amigo Zé Capinam, poeta daqui e de além-mar

HEI-DE AMAR-TE TODA A VIDA

Hei-de amar-te toda a vida
Mesmo depois da partida
Que um dia há-de chegar
Hei-de guardar-te comigo
Meu amante meu amigo
Ó minha estrela polar

Mas quando isso acontecer
Hei-de tornar a viver
Lá nos céus para te amar
E hei-de pedir a Deus
E aos santos todos do céu
Um anjo pra te guardar

Os búzios todos do mar
Hão-de alegrar meu cantar
Às praias das nossas vidas
Todas as estrelas-do-mar
Hão-de ensinar a amar
Paixões que andam perdidas

JÁ FUI TEU GIRASSOL

Já fui ó meu amor teu girassol
Já fui as tuas tardes desejadas
Já fui a tua rua e o teu sol
O noivo nas perfeitas madrugadas

Já fui o teu sorriso no teu pranto
Já fui tudo que na vida desejavas
Já fui no teu lençol corpo de espanto
Das lágrimas dos teus olhos que eu chorava

Já fui o teu caminho mais certo
Já fui a tua água a tua sede
Já fui do teu pão o teu centeio
Na floresta do amor que não se entende

Deste amor que já fui perdeste o norte
Não sabes qual a rua a onde moro
Que Deus meu amor te guarde em sorte
Que por ti ó meu amor eu ainda choro

JÁ RASGUEI O TEU RETRATO

Já rasguei o teu retrato
Deitei-o às águas do Tejo
E como se fora um barco
Foi com ele o meu desejo

No teu retrato sorrias
Com tanta felicidade
Meu amor ainda me querias
Meu amor que Deus te guarde

Não chores por mim não chores
Que eu por mim já te esqueci
Mas vê lá não te demores
Que ainda espero por ti

Quem ama por vezes cansa
O seu amor de verdade
Mas nunca se perde a esperança
E a causa da liberdade

Música de Arménio de Melo

JANELA ABERTA

Deixou a janela aberta
E a lua espreitou-lhe o corpo
Deitada sobre a coberta
Como um barco no seu porto

E assim se deita sozinha
Como se fora uma estrela
Como um céu que se adivinha
Deixa-me a janela aberta

Todas as noites a vejo
Envolta em lençóis de lua
Meu Deus como a desejo
Meu Deus como se insinua

É de formas tão perfeitas
Escultura – mão de mestre
Ó lua porque é que a espreitas
Meu Deus porque a não vestes

Poemas do Meu Fado



LÁ ONDE AS ÁRVORES DORMEM

Lá onde as árvores dormem
É que eu me deito
Com cheiro a terra e a ocre
No meu peito
E quando a noite vem
Com o seu manto
Coalhar de estrelas o meu espanto
É que eu te penso
É que eu te canto
E digo ao vento que vem de longe
Secar-me a cara de lágrimas
E de pranto
É que eu te espero
E de pranto
É que eu te quero
É que eu te amo tanto
As minhas mãos
Procuram as tuas mãos ausentes
Mas os meus dedos juram
Que estão presentes
Então as árvores todas me cantam
As urzes e os aromas me encantam
E pouso o meu pensamento
Sobre o teu corpo e sonho
Que sou um rio
Na margem do teu peito
E assim contigo e sem ti me abandono
Lá onde as árvores dormem
E que eu contigo me deito

LAVAS A CARA NA NOITE

Lavas a cara na noite
E os teus olhos nas estrelas
Os teus olhos são o norte
Que me levam até elas

Trazes o tempo nas mãos
Que se fecham de ansiedade
Fazes do teu coração
Uma chama que não arde

Navegas em mar parado
Num veleiro sem ter velas
E gritas gritos calados
Das varandas às janelas

E ficas de ti ausente
Chorando a tua alegria
Com o cheiro que tu sentes
No alpendre do teu dia

LISBOA DE CAMÕES, VIEIRA E PESSOA

Das varandas e janelas
Dos telhados encarnados
E o Tejo cheio de estrelas
Nos olhos dos namorados
E no Chiado janota
Sentado na Brasileira
Lá está falando o Pessoa
Do Padre António Vieira
Olá Lisboa
Cidade das Sete Colinas
Do Camões e do Pessoa
De tantos nomes de proa
E das antigas varinas
Olá Lisboa
Dos poentes cor-de-rosa
Da sua Sé já velhinha
Tão perfeita e tão formosa
Cidade mulher rainha

Dos amores e ilusões
Da saia Augusta e garrida
Do Terreiro de paixões
Da Liberdade da vida
De espelhos feitos de mar
Senhora de fado e saudade
Onde Alfamas se penteiam
Seis letras – nome – cidade

Olá Lisboa
Cidade das Sete Colinas
Do Camões e do Pessoa
De tantos nomes de proa
E das antigas varinas
Olá Lisboa
Dos poentes cor-de-rosa
Da sua Sé já velhinha
Tão perfeita e tão formosa
Cidade mulher rainha

Solo

Olá Lisboa
Dos poentes cor-de-rosa
Da sua Sé já velhinha

Vencedor da Grande Marcha de Lisboa de 2008. Música de Arménio de Melo

LISBOA DE SÃO VICENTE

Lisboa de São Vicente
Teu padroeiro de sempre
Toda vestida de fado
Lisboa mulher fadista
De Santa Luzia se avista
O Terreiro e o Chiado

Teu São Vicente de Fora
Que chegou em boa hora
Com dois corvos à janela
Nessa linda caravela
Brilhou no céu uma estrela
E a peste foi logo embora

É Lisboa – é Lisboa
Dona do meu coração
Anda pra rua cantar
Que o Santo António e o luar
Vão bailar com teu balão
É Lisboa – é Lisboa
Anda prà rua com a gente
Tens o Tejo à tua espera
Anda lembrar a Severa
E rezar a São Vicente

São Vicente – São Vicente
Fica sempre com a gente
E nunca mais vás embora
Nessa tua caravela
Que o vento beijou a vela
Meu São Vicente de Fora

Olha a tua Rua Augusta
Que atravessa a Santa Justa
Pra vir beijar o Rossio
Lisboa nossa cidade
Dona de toda a saudade
Que os barcos deixam no rio

LISBOA IMPÉRIO DO SOL

Lisboa é tão linda
Tão bela e formosa
Na saia garrida
Barra cor-de-rosa
Império do sol
Que trago nos olhos
Bendito lençol
Bordado de sonhos

Os pombos que voam sobre o teu Rossio
Namoram-te à tarde com olhos de mar
Castelo e Alfama namoram teu rio
E um cacilheiro com quem vais casar

Tu vais convidar pró teu casamento
A Graça o Chiado e a Liberdade
Ó minha Lisboa cabeça de vento
Não cases – não cases – mas que leviandade

As tuas varandas
Onde tu penteias
Saudades que mandas
E choram nas veias
E assim é Lisboa
Mulher e menina
Que mora na rua
Das Sete Colinas

Os pombos que voam sobre o teu Rossio
Namoram-te à tarde com olhos de mar
Castelo e Alfama namoram o teu rio
Com um cacilheiro que tu vais casar

Tu vais convidar pró teu casamento
A Graça o Chiado e a Liberdade
Ó minha Lisboa cabeça de vento
Não cases – não cases – mas que leviandade

As tuas varandas
Onde tu penteias
Saudades que mandas
E choram nas veias
E assim é Lisboa
Mulher e menina
Que mora na rua
Das Sete Colinas

Música de Arménio de Melo

LISBOA MOIRA FADISTA

Ó cidade dos fadistas
De tantas ruas secretas
Lisboa moira fadista
Canto de alegres poetas

Ó cidade Tejo e rio
Rota de todos os mundos
Senhora mãe dos navios
Dos oceanos profundos

Moira judia cristã
Inquisidora da fé
Não sabias que o amanhã
Te mataria de pé

Ó Lisboa liberdade
E dos prédios cor-de-rosa
Quem te deu a mocidade
De velha sempre vaidosa

LUA DISTANTE

Anda a lua tão distante
Anda a lua lá tão alta
No meu quarto minguante
O teu corpo faz me falta

Sei que estás na rua dela
Sei que a vais lá visitar
Leva-lhe um beijo na estrela
Que à noite a vai lá espreitar

Dá-lhe um beijo no cabelo
Outro beijo no olhar
Ó lua embrulha-te nela
Não a deixes namorar

Ó vento quando lá fores
Leva-me contigo depressa
Mas depressa não demores
Por ela perco a cabeça

LUA MENTIROSA

Olha o vento atrás da lua
Já vem morto de cansaço
Abre as mãos e fica nua
E entrega-te aos meus abraços
Traz silêncios de aguarelas
Traz os campos nos teus dedos
Que as árvores são as janelas
Na vidraça dos segredos

Mentirosa mentirosa
Minha lua de Janeiro
Que lágrimas regam as rosas
Que nascem no meu canteiro
Minha lua mentirosa
Mentirosa a tempo inteiro
Porque te amo não sei
Mas sabe o meu travesseiro

Meu amor o teu silêncio
É um girassol sem prado
E o meu coração coitado
É um lago quase morto
Com águas de olhar profundo
Que te quer de qualquer modo
É roubar estrelas ao céu
E não ser dono do mundo

LUZIDIA A TUA PELE

Luzidia a tua pele
Como se foras um peixe
Abelha de olhos de mel
Que teu sol nunca me deixe

O teu corpo de alabastro
Cinzel talento de mestre
És tudo que não reparto
Na cama que tu me deste

Mas já que o sonho se cansa
De tanto sonhar em vão
És como a faca que mata
Um perfeito coração

Verde vento verde mar
Nos ventos que a lua traz
De dia veio o luar
E à noite o sol trouxe a paz

MAIS DOIDO DO QUE UM LOUCO

Sou mais doido do que um louco
Mais feliz que a felicidade
Pois eu sou de tudo um pouco
Na memória da vontade

Sou mais louco que a loucura
Mais doido do que a doidice
De me perder na procura
Desta eterna meninice

Pensar-te e nunca te querer
Ao pé de mim um minuto
Mas eu prefiro viver
Na loucura deste luto

Por vezes riu do pranto
Da gargalhada da vida
Quem me deu tamanho encanto
E me deixou sem guarida

MANHÃ CALADA DE AMOR

Trago uma rosa encarnada
Dois olhos na madrugada
Um corpo na minha cama
Manhã calada de amor
Eu digo seja a quem for
Que o amor é de quem ama

Ficou bailando no espaço
O gesto do teu abraço
Que em meu corpo se enlaçou
Mãos estendidas ao vento
Com as asas que eu invento
O nosso amor se alcançou

Quem sabe amar como nós
Só tem um gesto uma voz
Só tem um certo destino
A liberdade de sermos
Tudo aquilo que quisermos
Dentro do nosso caminho

MÃOS CHEIAS DE NADA

Trago as mãos cheias de nada
Vazias como nasci
Não têm rua ou morada
Nas portas que nunca abri

Não corro atrás de ninguém
Sou ave que não tem ninho
E não sabe de onde vem
Sou o mosto sem ter vinho

Sou como a pomba sem fel
Que já não sabe voar
Sou favo seco de mel
Sou barco já sem ter mar

A barca da minha vida
Já não têm velas ao vento
E assim se encontra perdida
Nos lodos do esquecimento

Poemas do Meu Fado



MAR DENTRO DE MIM

Trago um mar dentro de mim
Que se agiganta em minha praia
De nunca ser eu e por fim
A cal da espuma que me caia

Ó noites do meu luar
Asas sem guias ao vento
Se quero não sei voar
Se fico morro no tempo

Não tenho padrões de amar
Nem tabus desse consenso
Pois o meu amor é para dar
A todos a quem pertenço

Dar-me de vontade própria
Ser dono da minha vida
Ser dono da minha história
Ser ave sem ter guarida

MARCADOS PELA TRISTEZA

Marcados pela tristeza da alegria
Andam meus olhos cansados de te ver
Acendo à noite a candeia do meu dia
E entrego-me só a este entardecer

Quando choro também choras comigo
E os dois choramos sem saber porquê
Que punhais nos vêm matar este castigo
E a vontade de amar que se não vê

E a rosa da tristeza teima em crescer
No jardim do meu quarto onde estou só
Ali deito esta vontade de te querer
E vou morrendo a falar contigo a sós

São lágrimas que correm pelas janelas
Onde os meus olhos tristes se afogaram
Ao menos deixo-te um céu cheio de estrelas
Quando os teus olhos por outros me trocaram

MARIA DAS DORES

Maria das Dores
Maria meu bem
Já não tens amores
Já não tens ninguém

Já foste uma rosa
No jardim da vida
Foste a mais formosa
Foste a mais garrida

130

Mas tens nos teus olhos
Uma vida inteira
Sete sóis de folhos
De luz verdadeira

Maria das Dores
O que faz a idade
Morrem os amores
Vivem as saudades

Música de António Zambujo

MARIA JOAQUINA

Maria Joaquina
Olha pra janela
Que a tua menina
Está lá dentro dela

Que a tua menina
Tão perfeita e bela
Maria Joaquina
Olha pra janela

Tem olhos de amêndoa
Perfumando o rosto
Tem todo o teu cheiro
Tem todo o teu gosto

Feita por amor
No teu coração
Nasceu a flor
Ganhaste a paixão

Maria Joaquina
Teu nome é o dela
Vem ver a menina
Que está à janela

Maria Joaquina
Cravo de papel
Nasceu a menina
Do ventre do mel

Música de Rita Rio. Arranjo de Paulo Parreira

MENOR DUM FADO QUE É NOSSO

És a minha preferida
Minha paixão de verdade
Eu por ti daria a vida
Para além da eternidade

Meu coração te pertence
Minha alma se desgarra
Este amor que ninguém vence
Ó minha querida guitarra

Quanto mais te cinjo ao peito
Mais esta paixão aumenta
Tu não dormes no meu leito
És mulher que não se inventa

Choro por ti quando quero
Acompanhar-te e não posso
Dona do meu desespero
Menor dum fado que é nosso

MEU AMOR

Meu amor vê lá não chegues
Mais tarde que o nosso tempo
Há gente que não entende
Do nosso tempo o momento

Meu amor trazes-me beijos
Nessa boca acetinada
São tantos os meus desejos
De ter tudo e não ter nada

São duas rosas vermelhas
Teus olhos ajardinados
São dois enxames de abelhas
Feitos de mel namorados

Rasga-me a boca num beijo
Prende teus dedos nos meus
Entrega-te aos meus desejos
Que eu já me entreguei aos teus

MEU AMOR DENTRO DO VENTO

Meu amor dentro do vento
Há tantas ruas desertas
Há pedras no pensamento
E tantas portas abertas

Tantos desejos parados
À esquina de um só desejo
Há dois olhos ancorados
Presos às águas dum beijo

Meu amor porque não gritas
Vontades que te alimentam
Meu amor porque acreditas
Nas paixões que não se inventam

Há uma rosa na vida
Que é preciso desfolhar
Se a matas ficas ferida
Se a colhes sabes amar

Há só um Deus que nos quer
Para o bem e para o mal
Não nos deixamos morrer
Porque sabemos nadar

As nossas mãos são o ventre
Que não queremos desvendar
São dois ventos inquietantes
À espera de se encontrar

Dois galgos sempre a correr
São os nossos corações
Quem ama tem que viver
A tristeza das paixões

MEU AMOR MINHA SORTE PROIBIDA

Meu amor minha sorte proibida
Meu cavalo de jasmim
Alado ganhando a vida
Nas asas que me levam
Ao pensamento sem fim

Tomara amor
Seres vulcão dentro de mim
Amar-te e voltar a ver-te
Dizer-te a tudo que sim
A sorte não me sossega
E eu não sei viver sem ti

E agora amor já canto
O ser pra sempre feliz
Porque a vida recomeça
E diz-me a tudo que sim
E as portas da minha alma
Abertas de par em par
Têm janelas de vento
Viradas sempre pró mar

MEU AMOR MINHA VERDADE

Por tanto amor que te dei
Nada em troca recebi
E as lágrimas que chorei
Somente as chorei por ti

Eram rosas de punhais
As rosas que me mandavas
Para matarem meus ais
Do tempo em que me faltavas

Mentias como a criança
Que mente pra ir brincar
E eu ficava nessa esperança
À espera de te ver voltar

Vê lá tu o que fizeste
A este amor de verdade
Partiste e nada me deste
Só me deixaste saudade

MEU CORAÇÃO É UM BARCO

Meu coração é um barco
Com que me quero afogar
E quase com ele reparto
O desejo de nadar

Todos os olhos me cegam
Todas as bocas me gritam
Já todos quase me negam
Já todos quase me evitam

Eu tenho a força do vento
Eu tenho a força das águas
Que o meu próprio pensamento
É um rio de tantas mágoas

E quase que não me invento
E quase que não me basto
E quase não compreendo
O silêncio onde me gasto

E quase tudo o que alcanço
Quase tudo me desgraça
E quando quase me canso
Há uma luz que me abraça

Assim és tu quase tudo
Assim és tu quase nada
És quase todo o meu mundo
És quase um degrau sem escada

Quase toda a minha vida
Sem corrimão encontrado
Já me leva de vencida
Este corpo desmembrado

Assim sou eu sem ser nada
Assim fui eu quase tudo
Assim eu sou a jangada
Que ruma ao norte do luto

MEU CORAÇÃO É UM SINO

Meu coração é um sino
Que não pára de bater
Repete-se como um menino
Que teima sempre em crescer

Olha no céu as estrelas
São donas do firmamento
No meu peito mil janelas
Onde inteiro me desperto

Eu não sei viver sem ti
Não tenho morada certa
Não sei quando me perdi
Mas sei que alguém me desperta

Sou como aquela andorinha
Que voa léguas sem fim
E o negro veste-me a cor
Que trago dentro de mim

MEU DEUS QUE DESASSOSSEGO

Meu Deus que desassossego
Inquietação permanente
No labirinto do ser
Dum amor a que me apego
Sem que me possa prender

No voo das aves migrantes
Onde se cruzam os ventos
Voam penas dos amantes
Voam tristezas distantes
Com asas de sofrimentos

Fecho-me dentro de mim
Como um quarto sem janelas
Como um tango de martírios
Os meus olhos são dois lírios
São dois campos de aguarelas

Embrulhei meu coração
No lenço que me mandaste
Para ter sempre à mão
E pra sempre me deixaste
Desassossegada paixão

MEU PAÍS ESTÁ MORRENDO

Eu hei-de cantar dizendo
À gente do meu país
Que a terra se está esquecendo
De gente que tanto lhe quis

Eu hei-de cantar dizendo
Tudo aquilo que souber
A raiva que vai nascendo
No ventre duma mulher

Eu hei-de cantar dizendo
Raiva amor ou amizade
Que o tempo se vai esquecendo
Do momento da verdade

Eu hei-de cantar dizendo
Na força da minha voz
Meu país está morrendo
Por culpa de todos nós

MIL POETAS

Com mil poetas cantei
Liberdade a toda a gente
Com mil poetas andei
Pelo mundo livremente

Com mil poetas gritei
À gente do meu país
Com mil poetas fiquei
Preso na mesma raiz

Fui gente
Fui terra
Fui vento da serra
Correndo veloz
Fui barro fui pão
Fermento razão
Acção gesto e voz

Fui uma espada cravada
No ventre de cada vida
Voz da palavra arrancada
Ao som da força esquecida

Poetas ide dizer
Por dentro de todos os ventos
Que a morte há-de viver
Por dentro do nosso tempo

MINHA AMADA

Amor comigo sempre estavas
Entre as mãos do pensar amigas
E para sonhares paixões antigas
No rio do teu corpo te deitavas

Flores que no teu caminho semeavas
Floresceram como papoilas nas espigas
E então nos teus olhos guardavas
Os prazeres das mais alegres fadigas

Ó minha amada que habitas o campo
Da paixão verdadeira e merecida
Não sabemos quando o pranto é canto
Nas tardes do amor que nos dão vida

Tão claro é o azul do céu além
E o manto que eu trago me tapasse
Ninguém sabe que ventura tem
Ventura vem do dia em que se nasce

Minha alma vagabunda nunca pára
Não sabe aonde vai só no meu corpo
E nunca ninguém nela repara
Que a trago junto ao peito do desgosto

MINHA MÃE TUDO ME DESTE

Ó minha mãe que tristeza
Ver tanto colo vazio
Ver tanta mãe com pobreza
E aos olhos da natureza
Ver tanta gente com frio

Ó minha mãe que ansiedade
Tanta gente sem morada
Sem saber a própria idade
Sem ter pão e sem ter nada
E a dormir num vão de escada

Ó minha mãe que alegria
Saber-me sempre em teu peito
Saber-te que és o meu dia
Ter o sol e a fantasia
No teu colo sempre a jeito

Minha mãe tudo me deste
Do teu ventre o teu calor
Desconheço o que é tristeza
Desconheço o que é pobreza
Porque é farto o teu amor

MORO NUMA CASA ONDE O SOL SE PÕE

Moro numa casa onde o sol se põe
E entre ti e mim só está o mar
E nada mais – nada mais me dói
Quando o vento canta o meu chorar

E a barra amarela da minha casa
Que sabe como eu sei os meus segredos
E lanço-os ao mar na minha asa
Que não sabe voar – tem tantos medos

No meu jardim as flores já me conhecem
Quando as rego com tristeza em meu olhar
As rosas todas elas esmorecem
E as outras ficam tristes a cantar

Há uma andorinha amiga à minha espera
Todos anos chega à mesma hora
Vem sempre cá passar a Primavera
E chora sempre quando vai embora

E eu fico ali sentado no quintal
A vela ensaiar o seu bailado
Com asas de adeus à sua casa
Que deixou no beiral do meu telhado

E o vento quando vem beijar-me a face
Cansado de andar por tanto lado
Seca-me as lágrimas do meu cansaço
Que secretamente em meu olhar as guardo

E a sinfonia que o mar à praia traz
A memória de alguém em minha alma
És tu ó meu amor que estás por cá
Nas ondas deste mar que não me acalma

Esse amor que nunca de mim partiu
Mas nunca – nunca mais irás voltar
Deixaste nos meus olhos este rio
Que eu venho afogando neste mar

A minha amiga Maria Teresa Queiroga

MORRE-ME O TEMPO DA VIDA

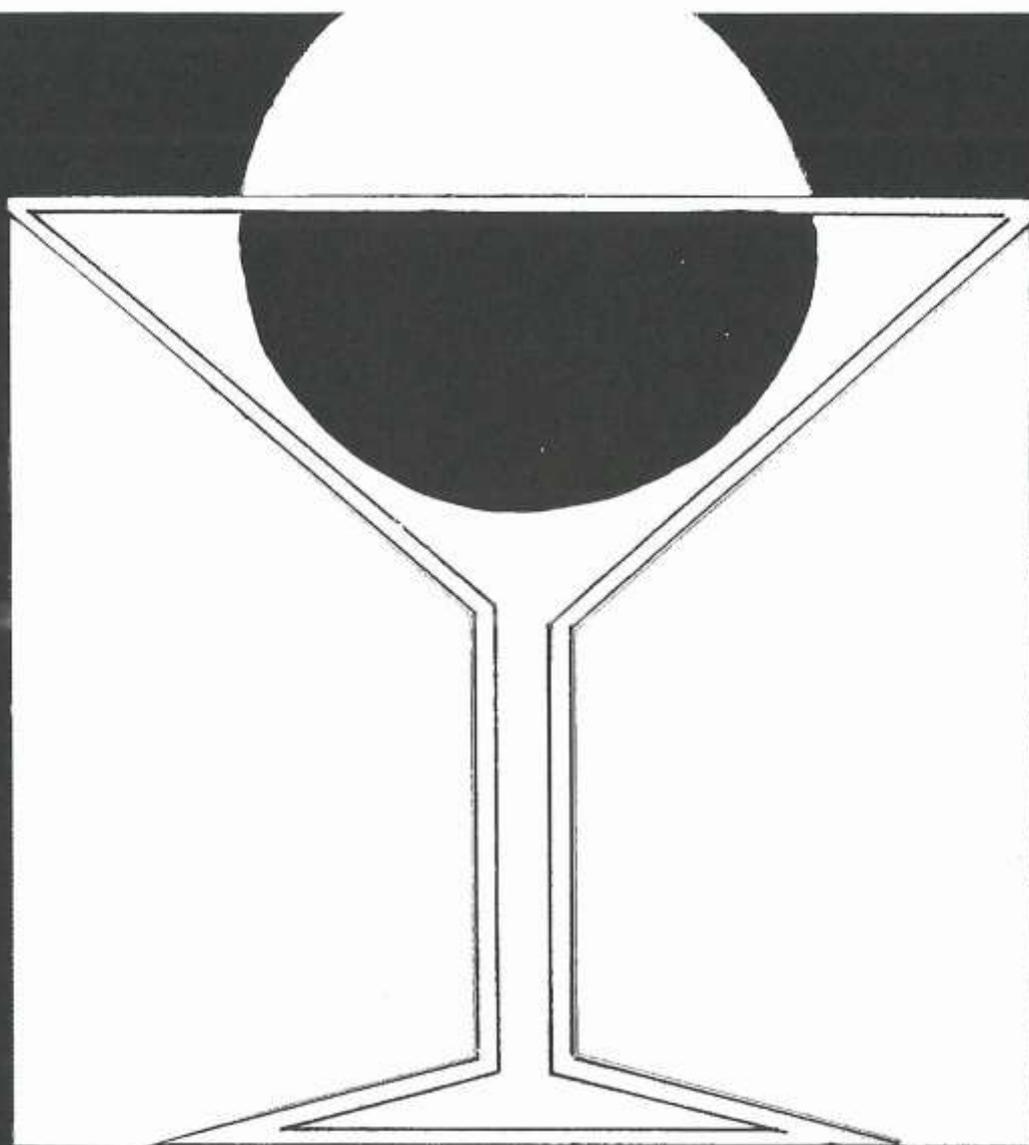
Morre-me o tempo da vida
Como a flor que se esquece
Que depois de ser colhida
Seu próprio corpo arrefece

Eu sei que o tempo me manda
O tempo de ser feliz
Mas tudo em mim se desmancha
Tudo quero e nada quis

Aqui no meu coração
Há ventos de todo o lado
Até o vento suão
Me deixa desamparado

E nesta busca constante
De ser tudo e ser diferente
Os anos vão num instante
E a morte vem de repente

Poemas do Meu Fado



NA MORTE SOMOS IGUAIS

Tanta gente sem casa
E tanta casa sem gente
Tantos jovens sem asa
E tanta gente indigente

Tanta fome escondida
Dentro do fato e gravata
Tanta porta sem vida
Aonde a vida se mata

E tantos filhos sem pais
Chorando de abandono
E tantos gritos e ais
Que nos acordam o sono

E assim eu me desfaço
Do mundo que não é nada
Da alma tenho um pedaço
No gume da minha espada

E os ventos que me trazem
Os cheiros da pobre terra
Dos que nada – nada fazem
Mas sabem fazer a guerra

E o meu doido pensamento
Que sabe ainda pensar
Mas não se agarra ao lamento
Porque ainda sabe gritar

Ó meu Deus tantos bandidos
Dentro dum cavalo de Tróia
Que os vossos pobres sentidos
Não sabem amar – mas moem

As casas – os vossos prédios
E tudo o que têm mais
Mas só compram os remédios
Na morte somos iguais

NÃO ERA UM TEMPO DE FADO

Não era um tempo de fado
Não era um tempo de nada
Era um vento magoado
Chorando na minha escada

Não era um tempo de esperança
Nem um tempo de esperar
Era quase uma criança
À espera de te encontrar

Talvez fosse o nosso tempo
Sem tempo de acontecer
És tu a todo o momento
Que o vento me vem trazer

És uma espada sem gume
Que rasga sem ter razão
És a espada do ciúme
Cravada em meu coração

NÃO HÁ FORÇA PARA O VENTO

Não há força para o vento
Não há força para o mar
Nada mata o pensamento
A quem se quiser matar
Que o vento chora o lamento
De quem se deixa apanhar

Ó pastores – ó pastores
Fugi dessa tempestade
Que as águas que as nuvens trazem
Afogam-vos em ansiedade
Deixai o gado no campo
E que a natureza o guarde

E quando vier bonança
E a aurora boreal
Nos dedos duma criança
E num gesto imparcial
Aparecem dez raios de esperança
Onde a esperança é natural

Ninguém pára com a mão
A força que o vento traz
Levanta tudo do chão
Que a força da natureza
Até rouba o pão da mão
De quem só come a tristeza

NÃO HÁ MÃE MELHOR QUE A NOSSA

Não há mãe melhor que a nossa
Mais perfeita e singular
Por muito que nada possa
Tudo tem para nos dar

NÃO QUERO SILÊNCIOS MENOS

Não quero silêncios menos
Nem gritos de alvoraçar
Quero uma cama de fenos
Para meu povo deitar

Não quero gente com fome
Nem frios rasgando o lar
Ó gente que tudo come
Deixai meu povo cantar

Águas que caem do céu
Sonhando terra alcançar
Ó noivas rasgai o véu
Deixai meu povo cantar

Cansados por sermos todos
Bordados de tanto mar
Lavámos todos os lodos
Deixai meu povo cantar

Correm os ventos vadios
Não sabem onde parar
Ó capitães dos navios
Deixai meu povo cantar

NÃO SEI AONDE VOU

Eu não sei aonde vou
Nunca sei onde estou
Nem mesmo o que faço aqui
Eu só sei que nada sei
Mas então o que farei
Perdido de amor por ti

Sou a água que se perde
Sem nunca matar a sede
De quem morre à sede de água
Sou a campina do pranto
Onde por vezes me encanto
No pranto da minha mágoa

Mas eu sei amor eu sei
Que sem ti não viverei
Outras tantas primaveras
E as estrelas no teu rosto
Apagam o meu desgosto
Pois sei que sempre me esperas

NÃO SEI QUEM SOU

Não sei quem sou
De onde venho aonde vou
E quase desisto de mim
E da vida onde estou

E quando me encontro sozinho
Sem direcção ou morada
Desisto e fico sentado
Com a alma amarrotada

E nesta constante inconstância
Que sentimento derramo
O vento rasga a fragrância
Onde sempre me abandono

Hei-de um dia perguntar
Ao poeta que não sou
Porque só teimo em ficar
E só fico onde não estou

NÁUFRAGO

De madrugada roubo ao céu uma estrela
E guardo-a junto ao peito de ser eu
E no peito da lua há mil janelas
E numa delas moras tu e moro eu

Naufrago-me em silêncios de segredos
Já me cansa a roupa nesta pele de ser gente
Já o sangue é maldito e o vinho azedo
Entre a vida e a morte – senhor estou indiferente

NO DIA DA MINHA MORTE

No dia da minha morte
Virem tambores ao céu
Rapazes dançando nus
Donzelas – peitos ao léu

Só gargalhadas estridentes
Orgias de corpos nus
E as paixões mais ardentes
Corpos jovens cheios de luz

Quero Adónis esculpidos
Como troncos de prazer
Se não os tive na vida
Quero tê-los ao morrer

Quero as virgens mais castas
Em danças inebriantes
Não quero as vontades gastas
No desejo dos amantes

NO ESPELHO BAÇO DA VIDA

No espelho baço da vida
Sei onde moras comigo
É numa rua escondida
Numa porta sem postigo

Como diria o poeta
Pessoa – ou outro qualquer
Há sempre uma porta aberta
Num coração de mulher

Se eu fora marinheiro
Navegava em mar aberto
Faria de ti um veleiro
Do teu corpo um porto certo

Ó minha amada de mim
De todos os meus quadrantes
Quem nos ditou este fim
De estarmos perto e distantes

NO MEU AMOR

Amor quero cantar
Chamar por ti gritar por ti
Teimosamente
Teu nome desenhar
Dentro de mim perto de mim
Perdidamente

Tu és o amor
Mais presente e mais ardente
Que eu vou cantar
Que eu vou amar tão loucamente
Ai amor no meu amor
Primavera no meu peito
És do meu jardim a flor
A que cuido com mais jeito

Tu és na minha voz
O norte – o sul
Minha alvorada
Teu corpo é o lugar
Que se deita devagar
Na manta da madrugada

O BEIJO E O SEXO

Vi-te pela primeira vez
Olhámo-nos nos olhos
E os olhos falaram
As bocas abriram-se para um beijo
E a saliva saltitava num desejo
Como se fora mel silvestre – selvagem
A mão trémula encostou-se à tua mão
Bateu mais forte um e outro coração
Os braços abraçaram-se
As bocas beijaram-se
Os olhos fecharam-se
Os corpos enlearam-se
Os desejos desataram-se
Os sexos encontraram-se
Como alabastros de sol
O mundo rodou
Na sua espiral louca
E loucos tínhamos
A matéria-prima na boca

O CALCETEIRO

Levanta-se de madrugada
Desce a rua o calceteiro
Pedra a pedra na calçada
Martelando o dia inteiro

Conhece tantas esquinas
Das pedras sabe os segredos
Que namoram os seus dedos
Como se fossem meninas

E o seu carrinho de mão
Que lhe conhece a idade
Sabe que o seu coração
Está nas ruas da cidade

Nos passeios bem alinhados
Nos de desenhos pedras brancas
São tão puras e tão francas
Como as mãos dos namorados

O ESPELHO DA SAUDADE

O tempo se encarrega da tristeza
De lágrimas salgadas no meu rosto
No espelho da saudade esta certeza
Que corre pelas rugas do desgosto

Aqui onde nada mais me alcança
Aqui hei-de viver até um dia
E por dentro de mim esta criança
Que vai entristecendo de alegria

As tuas mãos já foram a loucura
De sermos só os dois a mesma gente
É louca e tão grande esta procura
Dum amor que já foi e mora ausente

E assim o meu rio não chega ao mar
E morre neste tempo à tua espera
Quem chora nunca deixa de cantar
À espera de outra nova Primavera

O FADO ENCANTA AS NOITES

O fado encanta as noites e invade os corações
Nas vozes dos fadistas fronteiras de emoções
E nos olhos do cante uma asa que se solta
E nas mãos da alma um grito de revolta

Na penumbra da noite há vontades escondidas
Há guitarras tocando nas mãos dos guitarristas
Há olhos quase em rios de lágrimas de água
No céu milhões de estrelas – o sal da minha mágoa

Abro as portas do sol que trago no meu peito
Às gentes ao amor que é sempre tão perfeito
Quem ama como eu amo será sempre diferente
Amar é saber estender as mãos a toda a gente

Com que tristeza brutal então me encontrarei
Quando a fome for rainha e o amor não tiver lei
Que as guitarras e os fadistas que por amor se enlutem
Que as vozes e os poetas do meu país se juntem

O MEU CORAÇÃO É VERDE

O meu coração é verde
Tem olhos cor de limão
Tem a coragem e a sede
Da erva verde do chão

O meu coração é louco
É louco como a paixão
Mas dá tudo e tem tão pouco
E sempre ganha razão

Trago o coração na boca
Na boca trago a canção
No fado chamam-me louca
Que louca serei então

Mas se me chamam de louca
É porque tenho razão
Trago o coração na boca
Na boca trago a canção

O MEU MENINO JÁ DORME

O meu menino já dorme
No seu bercinho
É tão bonito – é tão bonito
O meu menino
Tem os cabelos de fios de ouro
O meu menino é um tesouro

Venham todos pra ver
O meu menino
Que ele é tão lindo
E tão pequenino

Hei-de levá-lo
P'lo mundo fora
Quando for homem
Ele não chora

O meu menino há-de crescer
Há-de ter sonhos
Para viver

O MISTÉRIO DOS DESEJOS

Os teus olhos são dois círios
No altar do meu prazer
São dois desejos – martírios
Onde me quero acender

Dos mistérios dos desejos
Que não posso desvendar
Mas hei-de beijar teus dedos
Como estrelas de luar

A pressa é sempre nefasta
E deixa-nos desamparados
Mas qualquer jeito nos basta
Nos momentos desejados

E assim te digo em surdina
Que vejo os teus movimentos
Nos teus olhos de menina
Começam todos os ventos

Poemas do Meu Fado



O QUE É SER POETA

Eu não sei de onde vens
Nem te conheço tão pouco
Mas sei que tu és alguém
Que me deixa quase louco

Perguntas o que é ser poeta
Não sei responder confesso
É ter a palavra certa
Dentro do nosso universo

É caminhar sempre só
Por dentro do pensamento
É morrer dentro do pó
É ter mais vida que o vento

E julgo que é ser diferente
De toda a gente confesso
É não ficar indiferente
Perante a loucura dum verso

Uns dizem que é ser mais alto
Mais louco do que a loucura
Num constante sobressalto
À procura da ternura

Ser poeta é não ter medo
De tudo de quase nada
Porque a palavra é o ceptro
Na bainha duma espada

Ser poeta é não saber
Fingir ver o que não queremos
É ter sabedoria e não ser
De ser tudo sem o sabermos

Ser poeta é ter na alma
Toda a dor e fantasia
É ter na alma da mão
A tristeza e a alegria

É ser mais alto que a torre
A torre que houver no mundo
É ver para além das estrelas
E ver que o mundo é imundo

É nunca saber de nós
É nunca saber da gente
É darmos a nossa voz
Ao amor sempre presente

Ser poeta é ser um louco
Inteligente varrido
É fazer de tudo um pouco
Perder e ganhar sentido

Ser poeta é sofrimento
É ser brasa que queima a pele
É revolta em movimento
É fazer do fel o mel

Ó ROSAS VERMELHAS DE ESPINHOS

Ó rosas vermelhas de espinhos
Que feris as mãos das virgens
Que se encontram nos caminhos
Dos sonhos que não nos dizem

172

Ó guerra da paz dos tempos
Ó ambição desmedida
Que destróis todos os templos
Que o homem constrói em vida

Rasgai-me a alma por dentro
Com vossas mãos abstractas
E dizei-me que não me entendo
Que nada em mim se retrata

O SEGREDO DAS COISAS

À noite quando me deito
Alguém se deita comigo
Grande grande é o segredo
Mas é maior o castigo

E no silêncio da noite
Há vozes em meu redor
Que me gritam o teu nome
Toda a noite meu amor

É no segredo das coisas
Que tudo me acontece
E na espera de ter
Todo meu corpo arrefece

E quando a noite se alonga
Para além do tempo devido
E o silêncio se prolonga
Com se fora de vidro

Tenho medo muito medo
O medo de estar sozinha
Mas não conto o meu segredo
Pois ninguém me adivinha

OLHA O MAR QUE NÃO TEM FIM

Olha o mar – olha o mar que não tem fim
Olha o mar – pátria de todos os rios
Que são as veias deste mundo que há em mim
Testemunhos dos mistérios – dos estios

Olha para meu rosto já cansado
Como um navio que se cansa do seu mar
E os meus olhos são um pranto entornado
Não têm porto certo onde arribar

E o verbo das palavras me sufoca
A memória que tenho do passado
São sonhos de amor em minha boca
Acesos na fogueira do pecado

Olha as mãos do vento que se solta
Para agitar o pente da tristeza
E o meu passado é presente que não volta
E tu o tempo inteiro à minha mesa

OLHA OS CAMPOS

Olha os campos já estão verdes
Tão verdes que ainda estão
À espera do nosso amor
No teu e no meu coração

Olha as aves em seu voo
Desenhando uma canção
Por ti feliz aqui estou
No teu e no meu coração

Dá-me os teus lábios de mel
Teus olhos cor de carvão
E o cheiro da tua pele
No teu e no meu coração

Quero pegar nos teus dedos
Senti-los na minha mão
És feliz não tenhas medo
No teu e no meu coração

OS SEGREDOS DA MARIQUINHAS

Deu-me ontem pra recordar
Os velhos tempos passados
E pus-me então a tocar
Uns antigos e bons fados

Toquei tanto – tanto – tanto
Que já nem sentia os dedos
E a guitarra já sem tampo
Foi-me contando uns segredos

Contou-me coisas mesquinhas
Das muitas que o fado tem
E o gosto da Mariquinhas
Por uns copitos também

E as vizinhas quadrilheiras
Que iam prà porta espreitar
Perdiam logo as maneiras
E também queriam cantar

Dava festas e das rijas
Gente de toda a nobreza
Vinho tinto nas botijas
Pra empifar as marquesas

Era do fado a amante
Das maiores que o fado tinha
Boas maneiras galante
Era assim a Mariquinhas

Trazia sempre escondida
Uma velha garrafinha
E no meio duma cantiga
Bebia uma pinguinha

PASSA O VENTO A PRIMAVERA

Passa o vento a Primavera
Mas só tu não passas
Passa o tempo à tua espera
Mas só tu não passas

Passa a tristeza alegria
Mas só tu não passas
Passa a juventude num dia
Mas só tu não passas

Passa o sonho a fantasia
Mas só tu não passas
Passa o som da melodia
Mas só tu não passas

Passa a sede ao jardim
Mas só tu não passas
Passa o choro dentro de mim
Mas só tu não passas

Passa o cheiro da flor
Mas só tu não passas
Tudo passa meu amor
Mas só tu não passas

PASSEAVAS PELA PRAIA

Passeavas pela praia
Mesmo junto à linha d'água
Cabelos ao vento – uma saia
Molhada por tanta mágoa

Gaivotas esvoaçavam
Com asas feitas de vento
No céu as nuvens choravam
As águas do pensamento

E tu qual Vénus de amor
Sorrias pra todo o mar
Teus olhos duas hortenses
À espera de me encontrar

Mas aí uma onda veio
Beijar teu seio descuidado
Fiquei à espera dum beijo
Morreu meu beijo afogado

PÁTRIA DE TERNURA

Minha cama minha pátria de ternura
Onde dispo a noite onde visto o dia
Onde procuro a alegria da loucura
Vencendo a tristeza da agonia

Minha cama minha pátria de sonhos
Onde a manta do tempo me vem tapar o frio
Onde os lençóis bordados de enganos
Esperam por ti dias e dias a fio

Minha cama minha pátria de abandono
Onde repouso e descanso os meus cansaços
Onde não me entendo e só me engano
No vento agitado dos teus braços

Minha cama minha pátria abandonada
Na espera do meu corpo à tua espera
Já não escuto os teus passos nesta escada
E quem espera nesta espera desespera

POETA MORTAL

*Declaro-me aposentado
Termino. Ponto final.
Resta-me o céu estrelado
E as rosas do meu quintal*

Guerra Junqueiro

Mas se o meu ego ditar
A continuação de poeta
Porque é que hei-de ficar
Tão cedo numa gaveta

E assim ficarei sozinho
No meu cadeirão sentado
Bebericando no vinho
Declaro-me aposentado

E namorando as estrelas
Do meu tempo sem igual
E quando deixar de velas
Termino. Ponto final.

Mas um cão dócil amigo
Que por mim é bem-amado
E com uma manta nas pernas
Resta-me o céu estrelado

Mas quem quiser encontrar
Este poeta mortal
Perguntem a toda a gente
E às rosas do meu quintal

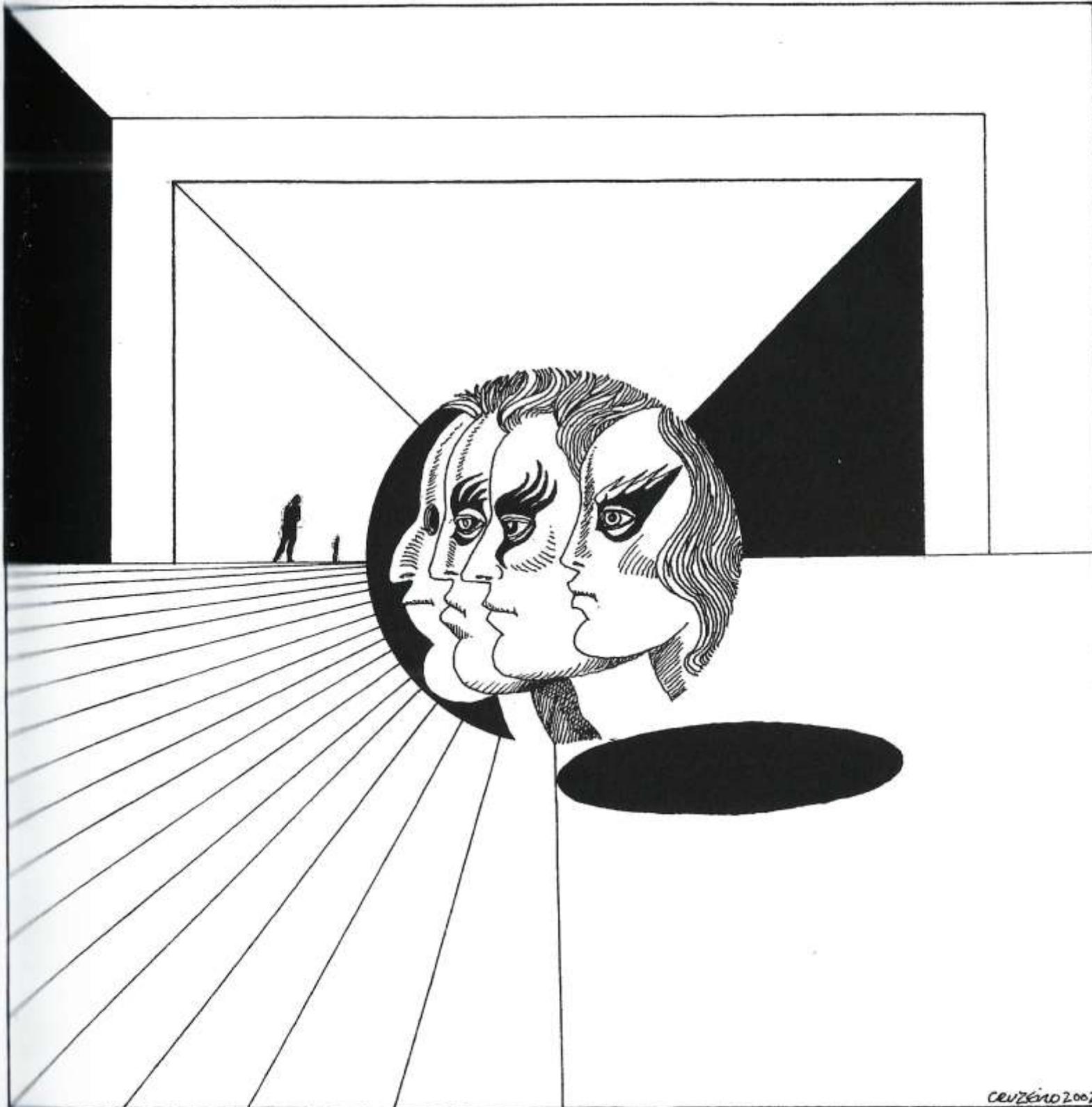
PORQUE ME SECAS OS OLHOS

Porque me secas os olhos
Quando estás perante mim
Depois os meus pobres olhos
São dois rios de água sem fim

Porque me mordes a boca
Com lábios de um só beijo
Deixas-me a vontade louca
No peito do meu desejo

Os teus olhos são janelas
De estrelas coalhando o céu
Sou eu que me venço nelas
És tu meu amor mais eu

Ó meu amor desejado
Minha loucura e castigo
Onde me encontro afogado
Quando me deito contigo



POVO QUE TODOS ENGANAM

Povo que cantas e choras
Tantas lágrimas derramas
Em tantos viras malhões
Tanto suor te abençoa
Tanta dor que te magoa
Em alegres corações

Povo que lavras a terra
Que semeias o futuro
Sem o futuro chegar
Não corras atrás do vento
Viver não é sofrimento
Sofrimento é não chorar

Povo – meu povo – meu tudo
Meu cheiro – meu mar – minha praia
Meu andarilho perfeito
Sou toda tua pertença
Tua pátria é a presença
Perfeita sempre em meu peito

Agora quero que saibas
Da terra mal amanhada
Quero que cantes o cheiro
Que vai do vale à montanha
Não corras atrás do vento
Que o vento nunca se apanha

Povo que todos enganam
Todos te querem comprar
Com o conto do vigário
Todos dizem que te amam
Que dormem na tua cama
Mas são sempre o teu calvário

PROIBI O SOFRIMENTO

Foi só por tua vontade
Que te deste coração
E quem não ama não sabe
Encontrar sua paixão

Mas em todo o pensamento
Amo-te em sonhos só meus
Tão perfeito movimento
De ter meus olhos nos teus

Naquela noite onde a noite
Trazia o amor na mão
E juntos naquela noite
Fizemos amor no chão

E depois amor depois
Fomos por ruas diferentes
Só nós sabemos os dois
As saudades que tu sentes

QUADRAS

Vou escrever ao sol à lua
E ao corpo da madrugada
E direi em qualquer rua
Que não sou o dono de nada

Ao vento entrego a voz
Às flores o pensamento
E digo que somos nós
Os donos do próprio vento

As palavras não se cansam
Nem têm novas fronteiras
E dizem que são crianças
Os sonhos da vida inteira

Quem diz que a vida é eterna
Mentira está enganado
A paixão é uma fogueira
Num fogo quase apagado

Deste-me uns brincos brincando
Vê lá tu o que fizeste
Que os brincos foram ficando
Mas tu logo desapareces-te

Vestiste a saia bordada
Com folhos de dar nas vistas
Saíste pela madrugada
Oh meu amor não te dispas

Não tentes voltar pra mim
Faças tu o que fizeres
Vou sofrer até ao fim
Os desgostos que me deres

Olhei pra ti quase a medo
Quis saber o que sentias
Disseste tantos segredos
E tu sempre me mentias

As tuas mãos trauteavam
Um fado descompassado
Sobre a toalha entornavam
Um copo cheio de fado

Coração não batas mais
Por um amor que não volta
Não chores mais os teus ais
Deixa morrer a revolta

Convidei-te para jantar
Disseste que vinhas cedo
E não chegaste a chegar
Pra saberes o meu segredo

Pus a saudade à janela
De atalaia à tua espera
Já chegou a Primavera
Talvez tu voltes com ela

Teus olhos são hortelã
Que guardo no meu canteiro
Têm um cheirinho a manhã
E às estrelas de Janeiro

Louco chamei-te um dia
Desculpa porque chamei
Não sabia o que dizia
Foi no amor que eu errei

Não tenho pena da pena
Desta pena de saber
Que a pena só é pequena
Quem mata a pena ao nascer

Quando a razão é razão
Não há nada mais que a torça
Podem vir mil – um milhão
Porque ela tem sempre força

QUANDO EU QUERO NÃO POSSO

Quando eu quero não posso
E quando posso não quero
E tudo me sabe a pouco
Quando é farto o desespero

Das nuvens faço castelos
Que em águas se desfazem
Os sonhos posso perdê-los
Numa sombra sem imagem

Na sabedoria da vida
Na palavra da razão
Não sei bem porque te quero
Nem entendo esta paixão

Entre o desejo e o ter
É tão distante a fronteira
É saber que vou morrer
Mais tarde de qualquer maneira

Há uma voz que me chama
Não sei de que planeta
Não sei a porta da casa
Onde habita este poeta

E as portas da minha alma
Abertas de par em par
E a alma às vezes me acalma
E não me deixa chorar

E esta casa que habito
É todo este meu corpo
Por vezes quando lhe grito
Reponde-me um corpo morto

Por vezes quero sair
E é tamanho o desconforto
Porque não posso partir
Sem o peso do meu corpo

Não sei qual a solução
Não sei bem qual o remédio
Se é matar o coração
Se é matar este meu tédio

QUANDO MORRER

Quando eu morrer
Abre as janelas de par em par
Para que o sol pela última vez
Venha meu corpo beijar
Depois tapa-me com um lençol de linho
Porque o meu corpo gélido
Ficou da morte à mercê
Mas a minha alma vê
Não me chores
Porque eu de mim feliz parto
E mesmo farto de vida não deixo ais
Porque quem morre não sofre mais

QUANDO O AMOR É UMA TEIA

Quando o amor é uma teia
Que nos envolve sem querer
Acende-se uma candeia
Que dá luz ao escurecer

És o jardim da angústia
Coberto de branca neve
Mas és a paixão mais justa
Pesada mas que é tão leve

Meu amor na tua frente
Correm cavalos de alento
Não há ninguém que os dome
São donos do próprio vento

Tua boca é o meu espaço
Onde se entorna meu beijo
Quatro lábios de cansaço
Infinitos no desejo

QUANTOS MISTÉRIOS ME TRAZES

Quantos mistérios me trazes
No teu olhar vagamundo
Roxos lábios – violeta
Estradas de nada e de tudo

Imaculadas as mãos
Entre anéis – ouro de lei
Dizes-me sempre que não
Mas dos teus olhos eu sei

Dizes que o pranto é tristeza
E por vezes agonia
Tens razão porque a riqueza
É ser rico de alegria

Já tive tantos amores
Já ameí tanto meu Deus
Já sofri todas as dores
Na sorte dos olhos teus

QUERO FALAR E NÃO FALO

Quero falar e não falo
Quero chorar e não choro
Quero gritar e não grito
Quero ver sem ter de olhar
Este fantasma do tempo
Que à força me quer levar

Hei-de levantar-me do chão
Como o vento levanta a folha
Hei-de saber construir
Uma casa em meu coração
Noiva de um amor que escolha
Escadas sem corrimão

Farei dos olhos a sala
Dos meus braços o teu quarto
E do tempo que te dou
A minha voz não se cala
Pois contigo é que reparto
O saber aonde estou

Ó meu amor nada valho
Sem de ti andar tão perto
Sou como a lua de Maio
Minguante e a retalho
Com o peito a descoberto
Onde me deito e desmaio

QUERO IR E NUNCA VOU

Quero ir e nunca vou
Pois nunca sei onde estou
Dentro do meu pensamento
Há cavalgadas de sonhos
Uns felizes outros medonhos
Nuns outros que eu próprio invento

Ó aves do céu trazei-me
A liberdade e dizei-me
Quantos destinos voaram
Quantas cidades amaram
Em quantos campos pousaram
E quantos sonhos sonharam

Eu quero voar mais longe
Que no céu nada se esconde
Naquele azul que é tão livre
Quero ir pra além do vento
E gritar ao pensamento
Dá-me vida que não tive

QUERO-TE TANTO E NÃO SEI

Quero-te tanto e não sei
A forma de te dizer
Se a loucura não tem lei
Porque me deixo prender

Nunca canso o meu olhar
De olhar pra ti amor
Nem o pensamento a roubar
Dos teus lábios a flor

E assim como um arco-íris
Hei-de morar no teu céu
Ganhar-me dentro de ti
Perder-me para ser teu

Da terra todos os cheiros
Hei-de fazê-los só meus
Hei-de fazer dos pinheiros
Braços erguidos aos céus

Hei-de fazer dos teus olhos
Duas janelas de mar
Rendada espuma de sonhos
Onde me quero deitar

RETRATO DE ARY DOS SANTOS

Bigorna das palavras foi teu brinquedo
Onde a ferro e fogo malhaste as setas
E assim cumpriste a espada de matar o medo
Que foi morto à nascença dos poetas

As portas da tua casa
Como as portas do teu peito
Abriam-se como a asa
Dum pássaro ferido no leito

Agressivo só por génio
Carinhoso por talento
A poesia era o veneno
Com que matavas o tempo

Quase tudo te roubaram
Pra sua própria eleição
Mas tuas forças gritaram
Poeta castrado, não!

Quase que morrias só
Num quarto onde mal cabias
Levaram-te aos ombros depois
Com bandeiras de alegria

E tu que nada sabias
Do que te iriam fazer
Não fingiste que morrias
Pra melhor os conheceres

Cantores – poetas – sei lá
Todos contigo aprenderam
Deste-lhes a prata da vida
E eles logo se esqueceram

Puseram-se todos à esquina
Do tempo que os há-de parir
Mataram-te com faca fina
Mas tu só sabes sorrir

Por talento ou por castigo
Prematura a morte veio
Adeus poeta do trigo
Adeus pão do meu centeio

Conquistaste Aljubarrotas
Com espadas de palavras
Da raça com que escrevias
Os poemas que choravas

ROSA DE AMARGURA

Meu amor não me lamento
Tanto sol e tanto vento
Sonhar-te assim quem me dera
Ter sorrisos de alegria
Arco-íris de fantasia
Sobre os céus da nossa espera

E nos campos do desejo
Há dois rios que eu não vejo
Há dois mares que não são meus
Há desejos por arder
Tudo por me acontecer
À espera dum olhar teu

Mas ao dares-me a tua mão
Dou-te inteiro um coração
Com a loucura mais pura
Quem ama assim deste jeito
Traz cravado no seu peito
Uma rosa de ternura

SE ALGUÉM UM DIA VIESSE

Se alguém um dia viesse
Trazer-me os olhos do mar
E nada a ninguém dissesse
E o meu corpo se esquecesse
Onde me fui afogar

Que segredo bem guardado
Esconderia em teu abraço
Meu amor tão bem amado
No espaço do nosso fado
O teu espaço no meu espaço

E se um dia alguém disser
Que me matei por amor
Pois só morre assim quem quer
E ninguém fica a saber
Que a morte assim não tem dor

E se for essa a razão
Que em nós se insinua
Cuidarei desta paixão
Coração com coração
Na minha alma e na tua

SE ALGUMA VEZ AMOR

Se alguma vez amor não me lembrasse
De ti em meus sentidos a nascer
Ditosa a Primavera em que ficaste
Preso nos meus olhos por te ver

Nas estrelas do céu eu tenho um guia
Que me leva de mim só para ti
E as rosas no caminho são a alegria
Num fogo de desejo que arde em mim

Ofereço-te inteiro um coração
Que guarda dentro dele amor eterno
De beijos e vontades a paixão
Há-de levar-nos ao céu do nosso inferno

Damos a alma a vida e o sentido
A este amor que é nosso e nos pertence
E as rosas nos caminhos vão sorrindo
Com pétalas de perfume e cheiro ardente

SE QUERES QUE EU TE AME MESMO AGORA

Se queres que eu te ame mesmo agora
Repousa tuas mãos sobre o meu peito
Que teus dedos serão uma nova aurora
Tocando a harpa num coração perfeito

E assim eu ficarei de ti cativo
No tempo que há-de vir futuramente
E a tua juventude me traz vivo
E assim tu purificas meu presente

É na juventude que nos perdemos
Ganhando as paixões sem ter juízo
São tantas as loucuras que vivemos
Não há tempo para o tempo de ter siso

Ai tanta perda amor que eu chorava
De um amor leviano de amarguras
E o prazer que entre nós se entornava
Cegava em ilusões tantas loucuras

Mas quando mais tarde morrermos
E o amor ficar esquecido no passado
Para quê chorar se a vida foi o menos
Se o nosso coração foi bem amado

SE TU FOSSES LISBOA

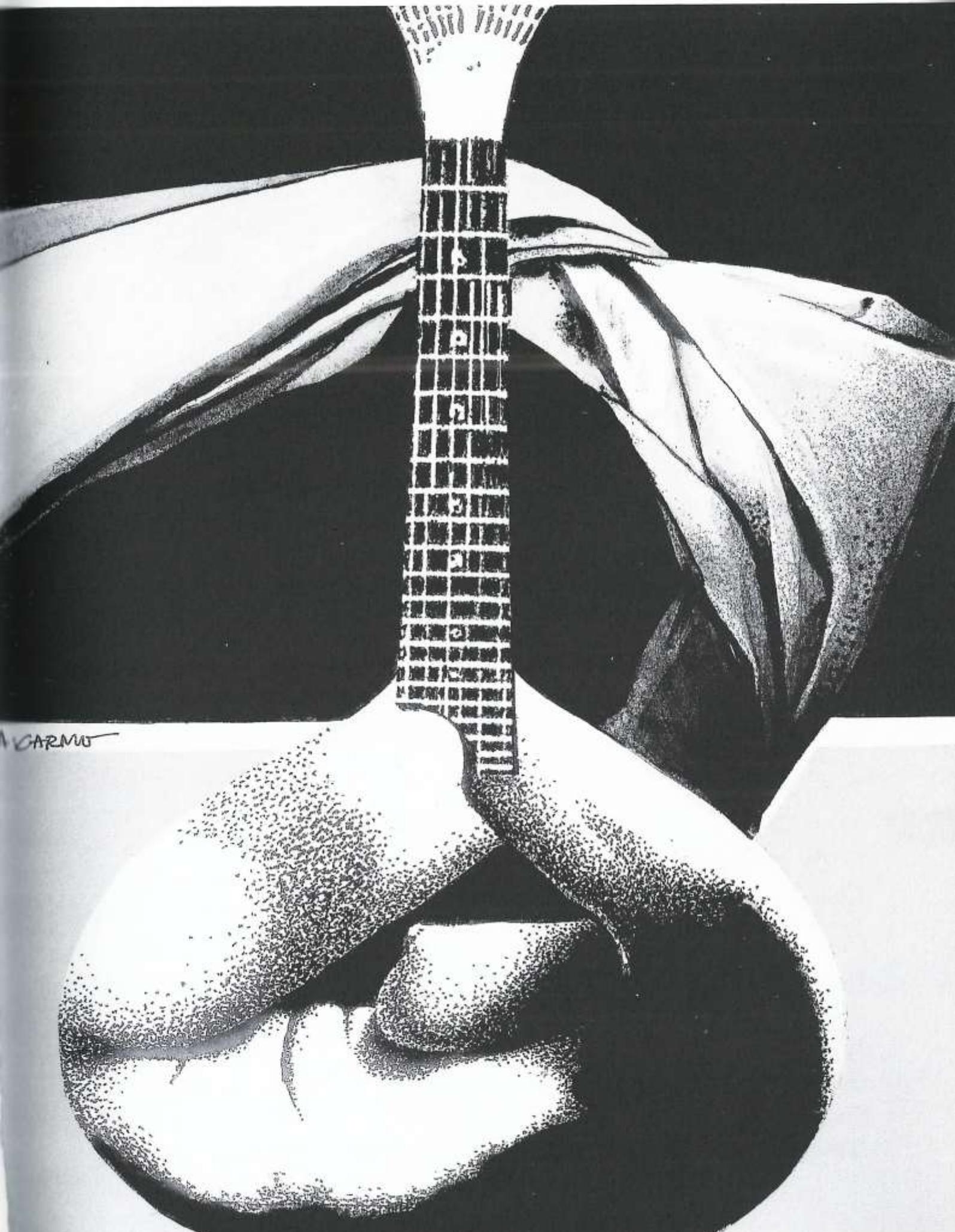
Ó meu amor se tu fosses Lisboa
Chiado – Mar da Palha – Limoeiro
Senhora Santa Luzia dos meus olhos
Gaivota do meu vento a tempo inteiro

Ó meu amor se tu fosses Lisboa
Estrela – Campo de Ourique – Areeiro
Cesário – Eça – Florbela ou Pessoa
E no mar do meu corpo o teu veleiro

Ó meu a amor se tu fosses Lisboa
O cais onde chego a toda a hora
Nas asas do meu peito onde voas
E por dentro o coração aonde moras

Ó meu amor se tu fosses Lisboa
Colina da saudade deste estio
Desejo que desejo – mas magoa
Do amor que se entorna neste rio

Poemas do Meu Fado



CARMO

SENHORA TANTO TE QUERO

Há pouco quando te vi
Fiquei contente demais
Olhei pra ti e sorri
Confesso que nunca vi
Uns outros olhos iguais
(Dois tão perfeitos cristais)

Um brinquinho a balouçar
Nesse teu pescoço altivo
Quem me dera lá morar
Pra te beijar devagar
E ficar de ti cativo
(E sentir-me mais que vivo)

Senhora tanto te quero
Tanto te quero beijar
És o céu por quem eu espero
E às vezes desespero
Pra te poder encontrar
(Neste modo de esperar)

Quisera dar-te de mim
Todo um coração humano
Fazer de ti um jardim
Onde coubesses em mim
Com rosas de todo o ano
(Sem gestos de abandono)

Fazer de ti meu caminho
Cheio de verdes madrigais
Amar-te devagarinho
Dar-te beijos com carinho
Esquecer-te nunca mais
(Em tudo sermos iguais)

SETE LUAS DE PRATA

Com sete luas de prata
Me fiz ao mar do teu corpo
E assim naveguei maré-alta
Mais que vivo quase morto

Suspenso de outras estradas
De outros caminhos perdidos
Não me invejaram mais nada
Senão meus ébrios sentidos

Dos raios de sol – folhas de ouro
Para enfeitar teu cabelo
Fiz uma coroa de louro
Roubada ao Sete-Estrela

Vai-se a noite lentamente
Com mistérios de desejo
E a lua já não se acende
No céu à espera dum beijo

E como limões redondos
Vitaminados por nós
Levamos aos nossos ombros
Os rios de estarmos sós

SETE ROMANCES DE AMOR

Este viver de ansiedade
Que mora dentro de mim
Sete estrelas sobre a tarde
Sete punhais de marfim
Sete romances de amor
Sete poemas sem fim
Sete poemas quem sabe
A cantar dentro de mim
Sete mares alevantados
Sete ventos sem um norte
Sete amores sem ser amados
Sete bocas só num grito
E assim me bastou a sorte
Com a morte é que eu me fico
E tu amor nunca sabes
Em que rua é que eu habito
Sete punhados de sal
Sete luzes sem caminho
Sete moinhos de vento
Sete pardais sem ter ninho
Sete desejos carnais
Sete tormentos de esperança
Sete desejos demais
Sete músicas sem dança
Meu coração é um barco
Com tantas malas a bordo

Na curva deste meu arco
Ninguém comigo transporto
Meu barco não cruza mares
Nem profundos oceanos
Mas tem sete mares cansados
Desesperados enganos
Meu barco tem sete vidas
Mais sete gatos de pranto
Meu barco já não tem idas
Nem portos de voltar tanto
Meu barco já não tem luas
Nem estrelas no caminho
Mas no mar há sete ruas
Salgadas em meu destino
Meu barco já não tem luas
Desde que eu fora menino
Mas tenho a dama de ouro
E o ás de espadas no peito
Meu barco já foi um moiro
Negreiro sempre imperfeito
Sete ventos favoráveis
Mais sete ventos perfeitos
Sete velas desdobráveis
Içadas sempre ao teu vento
É assim que eu te quero
É assim que eu não me entendo

SÓ MEU CAVALO

Sonhando montei meu cavalo
Armei-me de espada e parti
Qual D. Quixote sem norte
Cavalgando por aí

Na minha boca gravado
Dum povo ia a raiz
Só uma palavra chegava
O nome do meu país

Das montanhas fiz estepes
Que só meu cavalo vencia
Aos homens dei a coragem
De quem por eles morria

E às portas das cidades
De quem lá dentro dormia
Soltei-lhes as liberdades
Às mãos de quem as vencia

SÓ NÃO SOMOS AQUILO QUE NÃO QUEREMOS

Sabendo de antemão
Que a mão faz tudo
Para que me visto então
De Pai Natal se sou Entrudo

Se me dão pão para ter fome
Se me dão água para ter sede
Para quê um nome que ninguém consome
Para quê um caminho que me perde

Se o farol me afasta do mar que sou
Se a minha vida é feita de areias raras
Se com quem me deito já me enganou
Porquê tanto corpo sem vinho e tantas parras

Entre a terra e o sol distância imensa
Dói-me a mão de tanta luz querer
Mas a alma do poeta é quase imensa
E eu sem querer quase sempre quero morrer

À noite acendem-se as danças nas florestas
Ao som da música do vento impera o sexo
Só aqui não se apunham as bestas
E matam-se os anjos a qualquer pretexto

Os homens são cavados de enxadas de raiva
Violados por espadas de veneno
Só há uma razão na terra que os salva
E só não somos aquilo que não queremos

SOL QUASE POSTO

Já minha mão não vai
Ao sol que me é quase posto
Já me ficaram nas sombras
Os desenhos do teu rosto

Já os bandos de pardais
Deixaram de procurar
Os meus gritos que são ais
Aos campos de te encontrar

Tantos pastores amaram
Por dentro dos arvoredos
E tantos – tantos choraram
Segredos – tantos segredos

SOU NOME QUE NINGUÉM CHAMA

Madrugadas marés vazias
De bocas mudas e frias
Errantes pela cidade
Sopra o vento num açoite
Faz mais tenebrosa a noite
Mais amarga esta saudade

Sou nome que ninguém chama
Branco lençol numa cama
Que não conhece a paixão
Sou estrela sem ter céu
Sou o espanto que morreu
No grito desta razão

Meu fado não tem alento
Triste pedaço de vento
Que sopra de serra em serra
Sou um cante magoado
Sou um fado de outro fado
Sou um fruto desta terra

Este poema foi escrito em 1968, musicado por Miguel Ramos e interpretado por Maria da Fé. A música foi dado o nome de Fado Alcaria

TÃO TRISTE MAIS QUE A TRISTEZA

Sem ti não quero viver
Sem ti a vida não presta
Sem ti prefiro morrer
Sem ti já nada me resta

Sem sentir o teu amor
Sem sentir o teu ciúme
Sou um jardim sem flor
Sou um fogo sem ter lume

Ai esta angústia em que vivo
Certeza da incerteza
Continuado motivo
Tão triste mais que a tristeza

Quero esquecer e não posso
De te pensar dentro em mim
E ao pensar-te então suporto
Este destino ruim

Como um rio que não tem foz
Caminho dentro de ti
Pois quem sofre anda mais só
Pois fui eu que te perdi

Nos teus olhos já não vejo
A chama que se acendia
No sorriso do teu beijo
Que aos teus olhos me prendia

Sinto os punhais da tristeza
Cravados no coração
Sinto amargura e certeza
Na distância da paixão

TODO EU SOU FEITO DE NADA

Todo eu sou feito de nada
Todo eu sou feito de ti
Todo eu sou feito da mágoa
Daqueles que amei
E que nunca esqueci

Mas se eu tenho o tempo mais certo
Da morte que chega sem eu dar por ela
Sou eu que me venço e nunca renego
Esta insónia que fica estampada
Por entre a vidraça da minha janela

E os ingratos que a vida protege
Hão-de um dia chorar-me de espanto
E a vida que não me apetece
Há-de rasgar-se por cima do manto
Das gentes do mal que ninguém esquece

Sou pássaro que voa sem rumo no espaço
Sou o quebranto da angústia perdida
Da alma que rejeita meu corpo cansado
E a vontade de ter e não ter me castiga
E assim choram meus olhos no fumo da vida

Deixai os meus braços abraçarem o todo
Que envolvam a fome mais vil que conheço
E depois apagar-me no sono profundo
Que a voz se me cale na boca do mundo
Porque a vida é a morte à qual eu pertenço

TODOS NÓS TEMOS UM FADO

Às vezes sonho e o sonho
É quase realidade
Quem me traz neste abandono
Pelas ruas da cidade

E lá onde o sol se põe
Como se fora de fogo
Ardem meus ais e depois
É com eles que me afogo

Todos nós temos um fado
Um maior outro menor
E nas cordas do passado
A lembrança dum amor

Já não tenho mais futuro
Já vivi quase o meu tempo
Sou como o fruto maduro
Que cai ao sabor do vento

TODOS OS RIOS MORAM NO MAR

Todos os rios moram no mar
Todos os céus no teu olhar
E toda a vida baila no cante
Do entendimento que há nos amantes

E as aves ao vento com penas se vão
Nas migrações da rota da vida
E voltam à casa do seu coração
Em bandos de amor da terra merecida

Quem solta as amarras e à noite se encanta
Com a luz da lua por sua morada
E nas mãos do vento a floresta canta
E a casa das aves fica sossegada

E o povo que lavra a terra sofrida
Semeia o amor que há-de colher
Agiganta a vontade que lhe é merecida
Que a sorte do vento não irá morrer

A faca do pão pousada na mesa
Por sobre a toalha bordada de branco
Não mata nem corta a imensa tristeza
Que o beijo é a fome que se morde de espanto

E assim eu estendo as mãos para ti
Procurando a ternura que nunca vivi
E os dedos da alma tateiam caminhos
Chorando as penas de vários carinhos

Por tudo te amo meu amor presente
Por tudo te quero de qualquer maneira
Nos lábios da noite é ser mais urgente
E o teu corpo ardente na minha fogueira

Enlaça-te em mim num gesto apertado
E agradece aos deuses tanta natureza
E aos quatro elementos nossos aliados
Terra – ar – fogo – água da nossa riqueza

TRAGO UMA ROSA NA VOZ

Trago uma rosa na voz
Que se desfolha no vento
Sou eu amor somos nós
Galopando o pensamento

Sou a manhã sobre um rio
Sou a mulher sobre a cama
Que faz do fado um navio
E só tem voz quando ama

De que fogueira apagada
Me queima a dor do ciúme
Meu amor minha alvorada
Onde se acende este lume

Trago uma rosa de vento
Presa ao coração da vida
Dona do meu pensamento
Quando me encontro perdida

TRÊS LUAS CHEIAS

Vieram três luas cheias
À janela do meu quarto
Abençoar as candeias
Que com teu corpo reparto

E por sobre a cabeceira
Da minha cama uma cruz
E jurei prà vida inteira
Seres a luz que me seduz

Um cravo rubro que canta
Dias e dias inteiros
Na janela do meu peito
Trago milhões de canteiros

Para te ver meu amor
Tenho um Cristo à cabeceira
Nos olhos uma flor
Que eu rego a vida inteira

UM CORAÇÃO UMA SELVA

Um coração uma selva
Onde me quero perder
Árvore da vida me leva
E me quer quase vencer

Todos os olhos me cegam
Todas as bocas me gritam
Já tudo quase me negam
Já todos quase me evitam

Eu tenho a força do vento
Eu tenho a força das águas
Guia-me o meu pensamento
Pra varrer todas as mágoas

E quase que não me invento
E quase que não me basto
E quase que não entendo
Dos meus passos o meu rasto

E quase tudo o que alcanço
Quase tudo me desgraça
E quando quase me canso
Quase tudo me abraça

Assim és tu quase tudo
Assim és tu quase nada
És quase todo o meu mundo
És quase um degrau sem escada

Quase toda a minha selva
Meu labirinto encontrado
Quem me ama quase leva
Um coração desmembrado

E assim sou eu sem ser nada
Assim sou eu quase tudo
E a minha alma sem guarda
É quase uma voz de mudo

VENENO DESEJADO

Fado meu veneno desejado
Meu amigo alcandorado
Varanda do meu jardim
Fado meu universo meu tudo
Se te canto fico mudo
Parado dentro de mim

Fado meu poeta meu destino
Que dás luz ao meu caminho
Com olhos rasos de pranto
Fado rosa-dos-ventos da vida
Cais de chegada e partida
Senhor dos poetas que canto

Fado quando te vou procurar
Caminho ruas de mar
Nas praias do meu passado
Fado às caravelas erguido
És o mar dos meus sentidos
Meu veneno desejado

VENTOS DA LOUCURA

Voo nos ventos da loucura
Como águia que procura
O alimento da vida
E não me importa a lonjura
Pois és a minha loucura
E a loucura é permitida

Cruzarei todos os mares
Andarei tantos lugares
E todos os céus da vida
Chorarás por me encontrares
E quanto menos pensares
Serei ave com guarida

Farei arder uma estrela
Porei incenso no mar
Amar-te é ver-te à janela
E perder-me dentro dela
Para depois me encontrar

E os horizontes do medo
Hei-de vencê-los de mim
Perder-me no arvoredos
E depois muito em segredo
Diz meu amor diz que sim

VINHAS DE BRUMA VESTIDA

Vinhas de bruma vestida
Vinhas do rio da saudade
Trazias o fogo da vida
À cintura da vontade

Longos cabelos caíam
Nos ombros do teu desejo
Os teus olhos me vieram
Beijar-me a boca num beijo

De bruma vinhas vestida
Qual deusa que no céu
Procura a estrela perdida
Que nunca lhe disse adeus

E com uma faca de prata
Adentro do meu coração
Que desejo é que me mata
No grito desta paixão

XAILE

Deixa-me ao menos o xaile
E o pranto pra meu castigo
Que neste pranto afinal
Tenho o fado por amigo

Deixa-me ao menos o xaile
E as franjas do meu desejo
Que a minha voz é um vale
De pranto se te não vejo

Ao menos tapa-me o corpo
De negro xaile eu existo
Ai fado que tanto soffro
Ai fado porque resisto

No fundo dos meus desejos
Há rosas dum povo inteiro
Há bocas cheias de beijos
Num desejo derradeiro

Ao menos tapa-me a boca
Com teus lábios de fadista
Que a vida é breve e tão louca
Sem que o amor lhe resista

Por tudo de mais sagrado
Deixa-me ao menos o xaile
Pra poder dizer ao fado
Meu amor – meu mel – meu sal

Índice

Jogral do Fado4
Agradecimentos6
Amigo, José Luís Gordo7
Escreve até que a mão te doa!8
Poemas cantados e declamados9
A Baía de Todos-os-Santos10
A dor da alegria12
A estrada do tempo13
A fadista14
A loucura mais louca15
A morte quando vier16
Abram as portas do fado17
Abri as portas do choro18
Acróstico para João Carlos Abreu19
Adeus terra adeus Maria20
Água dos meus olhos21
Alentejo da vida22
Amor bem diferente24
Andei à tua procura26
Angústia desejada27
António é meu irmão28
Ao dizeres-me simplesmente amor sou tua29
Ao menos dá-me um sorriso30
Ao meu amigo de sempre Carlos Paulo31
Aqui vai o Alto do Pina32
Às avessas33
As palavras têm beijos34
Basta que me baste35
Bendita mulher formosa36
Ilustração de Eduardo Cruzeiro37
Boneca da China38
Canção do Intendente40
Canção dolente41
Cantai estes meus versos42
Cantarei o que na alma tenho escrito43
Cante aflito44
Cantei à margem da lei45
Canto e choro a tua partida46
Carta de alforria47
Casa da Ti Jaquina48
Cavalo da morte49
Chicote de rosas50
Cintura da vida51
Com que amor me encontrarei52
Com que voz te cantarei53
Constança54

Poemas do Meu Fado

Coração de enleio	.56
Curva da voz	.57
Dá-me as tuas mãos e jura	.58
Ilustração de Eduardo Cruzeiro	.59
Das pedras que me atiram	.60
Degraus dos meu sentidos	.61
Dei-te um nome em minha cama	.62
Dentro da vida	.63
Dentro de mim	.64
Deram-te o nome de Aurora	.65
Desejo	.66
Desejo impossível	.67
Dia de São Valentim	.68
Dizer-te amor que te quero	.69
Diz-me mãe onde é que moras	.70
Diz-me quem mora contigo	.71
Doem-me as dores da saudade	.72
Dois nomes distantes	.73
Dormi com o pão ao lado	.74
E os meus olhos que outrora foram sóis	.75
É uma escada em caracol	.76
É verdade	.77
Entre Lisboa e o Tejo	.78
Entre o tempo que separa	.79
És todo o meu coração	.80
Escondido pela noite	.81
Esquina do mar	.82
Esta palavra Lisboa	.83
Esta perpétua ansiedade	.84
Este amante	.86
Este amor que não se inventa	.87
Eu não sei amor	.88
Eu quero sempre	.89
Eu só nasci porque quis	.90
Eu só te tenho amor	.91
Eu tenho um barco no peito	.92
Fado da cómoda	.93
Fado da mesa	.94
Ilustração de Avelino do Carmo	.95
Fado do Ti Alfredo	.96
Farei do sonho a montanha	.98
Força de ser alguém	.99
Gaivotas no vento	.100
Girassol	.102
Grito do silêncio	.103
Há um mar	.104
Hei meu amigo Capinam	.106
Hei-de amar-te toda a vida	.107
Já fui teu girassol	.108
Já rasguei o teu retrato	.109

Poemas do Meu Fado

Janela aberta	.110
Ilustração de Eduardo Cruzeiro	.111
Lá onde as árvores dormem	.112
Lavas a cara na noite	.113
Lisboa de Camões, Vieira e Pessoa	.114
Lisboa de São Vicente	.116
Lisboa império do sol	.118
Lisboa moira fadista	.120
Lua distante	.121
Lua mentirosa	.122
Luzidia a tua pele	.123
Mais doído do que um louco	.124
Manhã calada de amor	.125
Mãos cheias de nada	.126
Ilustração de Avelino do Carmo	.127
Mar dentro de mim	.128
Marcados pela tristeza	.129
Maria das Dores	.130
Maria Joaquina	.131
Menor dum fado que é nosso	.132
Meu amor	.133
Meu amor dentro do vento	.134
Meu amor minha sorte proibida	.136
Meu amor minha verdade	.137
Meu coração é um barco	.138
Meu coração é um sino	.140
Meu Deus que desassossego	.141
Meu país está morrendo	.142
Mil poetas	.143
Minha amada	.144
Minha mãe tudo me deste	.145
Moro numa casa onde o sol se põe	.146
Morre-me o tempo da vida	.148
Ilustração de Eduardo Cruzeiro	.149
Na morte somos iguais	.150
Não era um tempo de fado	.152
Não há força para o vento	.153
Não há mãe melhor que a nossa	.154
Não quero silêncios menos	.155
Não sei aonde vou	.156
Não sei quem sou	.157
Náufrago	.158
No dia da minha morte	.159
No espelho baço da vida	.160
No meu amor	.161
O beijo e o sexo	.162
O calceteiro	.163
O espelho da saudade	.164
O fado encanta as noites	.165
O meu coração é verde	.166

Poemas do Meu Fado

O meu menino já dorme167
O mistério dos desejos168
Ilustração de Eduardo Cruzeiro169
O que é ser poeta170
Ó rosas vermelhas de espinhos172
O segredo das coisas173
Olha o mar que não tem fim174
Olha os campos175
Os segredos da Mariquinhas176
Passa o vento a Primavera178
Passeavas pela praia179
Pátria de ternura180
Poeta mortal181
Porque me secas os olhos182
Ilustração de Eduardo Cruzeiro183
Povo que todos enganam184
Proibi o sofrimento186
Quadras187
Quando eu quero não posso190
Quando morrer192
Quando o amor é uma teia193
Quanto mistérios me trazes194
Quero falar e não falo195
Quero ir e nunca vou196
Quero-te tanto e não sei197
Retrato de Ary dos Santos198
Rosa de amargura200
Se alguém um dia viesse201
Se alguma vez amor202
Se queres que eu te ame mesmo agora203
Se tu fosses Lisboa204
Ilustração de Avelino do Carmo205
Senhora tanto te quero206
Sete luas de prata207
Sete romances de amor208
Só meu cavalo210
Só não somos aquilo que não queremos211
Sol quase posto212
Sou nome que ninguém chama213
Tão triste mais que a tristeza214
Todo eu sou feito de nada216
Todos nós temos um fado217
Todos os rios moram no mar218
Trago uma rosa na voz220
Três luas cheias221
Um coração uma selva222
Veneno desejado224
Ventos da loucura225
Vinhas de bruma vestida226
Xaile227

POEMAS DO MEU FADO

Autor: JOSÉ LUÍS GORDO

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

JOSÉ LUÍS GORDO

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



José Luís Refachinho Gordo nasceu no Alentejo, na Vidigueira, mais concretamente em Vila de Frades, em 13 de Abril de 1947. Aos 14 anos vai para Lisboa. Tem o primeiro emprego na Casa Quintão e à noite estuda na Escola Veiga Beirão onde completa o Curso Comercial. O gosto pela poesia começou bem cedo e o seu contacto com o fado levou-o a escrever poemas para a canção portuguesa. Com mais de seis centenas de poemas escritos, muitos já cantados e gravados, é Maria da Fé, com quem casou há mais de 40 anos, a sua grande intérprete. É longa a lista dos melhores fadistas que cantam poemas seus. "Até Que a Voz Me Doa", "Divino Fado", "Senhora do Livramento", "António Baptista", "Eu Não Me Entendo" ou "Fado da Meia Laranja" são alguns exemplos de popularidade. Para além da escrita, José Luís Gordo é um grande divulgador do Fado através do restaurante típico "Senhor Vinho", que detém com a sua mulher Maria da Fé, onde há mais de 35 anos os melhores fadistas e músicos têm divulgado o Fado aos portugueses e a muitos milhares de turistas que nos visitam. Em 2004 edita o primeiro livro "Recados ao Fado", que no ano seguinte lhe vale o Prémio Amália Rodrigues na categoria de Melhor Poeta do Fado.

